apata

O PATO SELVAGEM

PERSONAGENS:

WERLE, industrial, proprietário de usinas.
GREGERS WERLE, seu filho.
O velho EKDAL.
HJALMAR EKDAL, seu filho, fotógrafo.
GINA EKDAL, mulher de Hjalmar.
HEDVIG, filha do casal, quatorze anos.
SENHORA SOERBY.
RELLING, médico.
MOLVIK, antigo estudante de teologia.
GRABERG, caixeiro.
PETERSEN, criado de Werle.
JENSEN, criado extra.
UM SENHOR GORDO E PÁLIDO.
UM SENHOR CALVO.
UM SENHOR MÍOPE.
SEIS OUTROS SENHORES.
CRIADOS EXTRAS.

O primeiro ato se passa em casa de WERLE. Os outros quatro em casa de HJALMAR EKDAL.

PRIMEIRO ATO

A casa de WERLE. *Um gabinete de trabalho, luxuoso e confortável. Armários cheios de livros. Móveis estofados. No meio da sala, uma escrivaninha coberta de papéis e de registos. Lâmpadas acesas difundem uma luz amortecida por pantalhas verdes. Pela porta do fundo, aberta a dois batentes, e cujos reposteiros estão levantados, vê-se um* *grande salão, ricamente mobilado, muito iluminado. À direita, no gabinete de trabalho, uma porta móvel que dá para os escritórios. À esquerda, numa lareira, um fogo de carvão. Mais ao fundo uma porta de dois batentes conduz à sala de jantar.*

PETERSEN, *de libré, e* JENSEN, *casaca, arrumam o gabinete de trabalho. No salão grande se vêem dois ou três outros criados arrumando e acendendo as velas. Ouve-se um ruído de conversa e risos vindo da sala de jantar. Batem num copo com uma faca. Faz-se um silêncio. Ergue-se um brinde. Aplausos. O rumor das conversações recomeça.*

PETERSEN (*acendendo uma lâmpada em cima da lareira e cobrindo-a com a pantalha*) — Ouviste, Jensen? não é que o velho fez um discurso em honra à Senhora Soerby?

JENSEN (*empurrando uma poltrona para a frente*) — Será verdade o que dizem por aí, que há alguma cousa entre êles?

PETERSEN — Só Deus sabe.

JENSEN — Segundo parece o velho era um formidável farrista no seu tempo.

PETERSEN — É bem possível.

JENSEN — Dizem que é para o filho que êle dá êste jantar.

PETERSEN — É. Êle chegou ontem.

JENSEN — Eu não sabia que o Sr. Werle tivesse um filho.

PETERSEN — Claro que êle tem um filho. Mas êste não sai lá de cima, lá das usinas de Heydal. Eu não o vi nem uma vez na cidade, em todos estes anos que tenho servido na casa.

UM CRIADO EXTRANUMERÁRIO (*na porta do salão*) — Petersen! Está aí um sujeito velho que...

PETERSEN (*resmungando*) — Ora! Quem será, a estas horas?

(*Vê-se o velho* EKDAL *na porta do salão. Traja uma sobrecasaca surrada, de gola alta. Calça luvas de lã. Traz, na mão, uma bengala e um gorro de peles e, debaixo do braço, um pacote de papel cinzento. Usa uma cabeleira postiça, suja, de um vermelho pardo, e uma barbicha grisalha*).

PETERSEN (*indo ao seu encontro*) — Que é isso? Que é que você vem fazer aquí?

EKDAL (*na porta*) — Tenho de ir aos escritórios, Petersen... Preciso. É absolutamente necessário.

PETERSEN — Os escritórios estão fechados há mais de uma hora e...

EKDAL — Foi o que me disseram à porta. Mas Graberg ainda está lá. Seja bonzinho, Petersen: deixe-me passar. (*Com o dedo êle aponta a porta móvel*) Conheço o caminho.

PETERSEN — Bem, bem, vá. (*Abre a porta.*) Mas lembre-se, pelo menos de que deve sair pela outra porta. Porque temos visitas.

EKDAL — Está certo. Obrigado, velho Petersen! Amigo velho, obrigado. (*Entre dentes*). Diabo de velho! (*Entra nos escritórios*) (PETERSEN *fecha a porta atrás dêle*).

JENSEN — É um empregado dos escritórios?

PETERSEN — Não. Dão-lhe cousas para copiar quando há pressa. Mas no seu tempo, podes crer, era um notável tipo, o velho Ekdal.

JENSEN — De fato parece ter sido alguém.

PETERSEN — Se não era! Era tenente!

JENSEN — Ora essa! Êle foi tenente?

PETERSEN — Foi. Mas, depois disso, quis negociar em madeiras ou cousa que o valha. Foi então que, segundo dizem, êle prègou uma formidável peça no patrão. Compreendes, não? Êles eram sócios na exploração de Heydal. Ah! Conheço bem o velho Ekdal. Temos tomado mais de um bitter e mais de um chope, juntos, em casa da Senhora Eriksen.

JENSEN — O pobre não deve ter muitas vêzes com que convidar...

PETERSEN — Bem... Está claro, Jensen, que sou eu quem paga. Acho que a gente deve ser gentil com um homem de qualidade que teve as suas desgraças.

JENSEN — Abriu falência, não é?

PETERSEN — Pior do que isso: esteve na cadeia.

JENSEN — Na cadeia?

PETERSEN — Em resumo: esteve prêso. (*Aguçando o ouvido.*) Estão se levantando.

(*Criados abrem a porta da sala de jantar. A* SENHORA SOERBY *entra conversando com dois senhores. Pouco a pouco vêem-se aparecer todos os convidados e, entre êles,* WERLE. HJALMAR EKDAL *e* WERLE *são os últimos a entrar*).

SENHORA SOERBY (*ao passar, o criado*) — Petersen, mande servir o café na sala de música.

PETERSEN — Sim, senhora.

(*Ela atravessa o quarto, acompanhada por dois senhores, sai pela porta dos fundos e dobra à direita. Os criados tomam a mesma direção*).

UM SENHOR GORDO E PÁLIDO (*a um senhor calvo*) — Uff! Que jantar! Foi preciso ter resistência...

O SENHOR CALVO — Com um pouco de boa vontade se conseguem fazer cousas do outro mundo em três horas.

O SENHOR GORDO — Sim, mas depois disso, meu caro camarista, depois disso...

UM TERCEIRO SENHOR — Estou vendo que pretendem servir o moka e o marrasquino na sala de música.

O SENHOR GORDO — Graças a Deus! A senhora Soerby vai talvez nos tocar alguma cousa.

O SENHOR CALVO (*a meia voz*) — Com a Senhora Soerby nunca se sabe ao certo o que nos pode tocar.

O SENHOR GORDO — Em todo o caso não será uma peça má: Berta não abandona os velhos amigos.

(*Saem rindo pela porta do fundo*).

WERLE (*a meia voz, com ar preocupado*) — Não creio que o tenham notado. Não é, Gregers?

GREGERS (*olhando-o espantado*) — Que?

WERLE — Então tu também não notaste?

GREGERS — Notar que?

WERLE — Éramos treze na mesa.

GREGERS — Realmente? Éramos treze?

WERLE (*lançando um olhar sôbre* HJALMAR EKDAL) — Somos sempre doze. (*Aos convivas que se acham na peça.*) Queiram passar senhores.

(*Todos saem pela porta do fundo, salvo* HJALMAR *e* GREGERS).

HJALMAR (*que ouviu as últimas palavras de* WERLE) — Não me devias ter mandado êsse convite, Gregers.

GREGERS — Como? Então dizem que a festa é em minha honra e eu não teria o direito de convidar o meu velho amigo?

HJALMAR — Não creio ter causado grande prazer ao teu pai: nunca venho por aquí.

GREGERS — Sei disso. Mas fiz questão de te ver e de te falar porque, com certeza, em breve me irei e voltarei para lá. Pois é! Hjalmar, nós nos perdemos de vista desde a escola. Já lá vão dezesseis ou dezessete anos que não te vejo.

HJALMAR — Há tanto tempo assim?

GREGERS — Com certeza. Vejamos! Como vais? Tens bom aspecto. Por um pouco, eu diria que estás gordo e forte.

HJALMAR — Gordo não é propriamente, o têrmo. Mas provavelmente estou com aspecto mais viril do que antigamente.

GREGERS — Realmente. Teu físico resistiu bem.

HJALMAR (*com voz sombria*) — Mas o moral, Gregers! Êsse sim, eu te asseguro que mudou! Sabes como tudo se esboroou para mim e para os meus desde que deixamos de nos ver.

GREGERS (*baixando a voz*) — Teu pai? Que faz êle agora?

HJALMAR — Ah! Meu amigo, para que falarmos nisso? Meu infeliz pai, não é preciso dizer, mora em minha casa. Só me tem a mim no mundo. Mas isto é um assunto tão cruel, tão pungente! É preferível que me digas o que fizeste, lá em cima.

Gregers — Gozei da minha solidão. Tive tempo para pensar numas tantas cousas. Vem cá. Aquí estamos melhor para conversar. (*Senta-se numa poltrona diante da lareira e obriga* Hjalmar *a puxar uma cadeira para o seu lado*).

Hjalmar (*com emoção*) — Seja como fôr, Gregers, sou-te muito grato por me teres convidado na mesa de teu pai: isso prova que não estás mais ressentido comigo.

Gregers (*admirado*) — Que idéia é essa? Por que estaria eu ressentido contigo?

Hjalmar — Não sei. Mas com certeza nos primeiros anos ficaste ressentido.

Gregers — De que anos me falas?

Hjalmar — Dos que se seguiram ao desastre. E era tão natural!... Pouco faltou para que o teu pai se visse comprometido também nessas... nessas horríveis histórias.

Gregers — E eu teria ficado ressentido contigo? Quem te contou uma cousa destas?

Hjalmar — Eu sei Gregers foi teu próprio pai quem mo disse.

Gregers (*com um sobressalto*) — Meu pai! Ah! muito bem! Foi então por isso que nunca mais me deste sinal de vida desde aquele tempo?

Hjalmar — Sim.

Gregers — Nem mesmo quando resolveste ser fotógrafo?

Hjalmar — Teu pai achou que era melhor não te dizer nada.

Gregers (*olhando fixo para a frente*) — Está bem, muito bem... Pode ser que êle estivesse certo. — Mas, dize-me Hjalmar: estás satisfeito com a tua situação?

Hjalmar (*com um suspiro*) — Meu Deus!... Sim... Não posso dizer que não. No comêço, compreendes, eu estava um pouco desambientado. Era tão diferente do que eu tinha conhecido! Mas que restava do passado? As ruínas acumuladas pelo desastre de meu pai. A vergonha e o opróbrio. — Ah! Gregers.

Gregers (*impressionado*) — Sim, sim, compreendo.

Hjalmar — Não podia pensar em continuar os estudos. Estávamos sem um vintém. Nada, a não serem dívidas a pagar... principalmente a teu pai, creio eu.

Gregers — Bem... Mas...

Hjalmar — Eu então compreendes, achei que era melhor cortar, de uma vez só tudo o que nos ligava com o passado. Foi o que fiz, a conselho principalmente de teu pai. E como êle teve a bondade de me ajudar...

GREGERS — Ah! êle fez isso?

HJALMAR — Sim. Não sabias? Do contrário como poderia ter aprendido o ofício de fotógrafo, montar um atelier, estabelecer-me, enfim? Isso custa dinheiro.

GREGERS — E foi o meu pai quem te emprestou o dinheiro?

HJALMAR — Sim, meu amigo. Mas como é possível que ignores isto? Parece-me... pelo menos julguei que êle te tivesse escrito a êsse respeito.

GREGERS — Êle não me escreveu cousa nenhuma a êsse respeito. Com certeza esqueceu. Aliás, só trocamos cartas de negócio. Mas então era meu pai?

HJALMAR — Sim, era êle. Sempre fez questão de que não soubessem. Mas de fato foi êle. E se pude casar-me, foi ainda graças a êle. Será isso também novidade para ti?

GREGERS — Claro que é. (*Agarrando-o pelo braço.*) Ah! meu caro Hjalmar, não podes imaginar como me sinto feliz com o que me contas, e ao mesmo tempo, a pena que isso me faz. Eu fui talvez injusto com meu pai, até certo ponto. Sim, porque, afinal, isso é prova de bondade. Há nisso uma certa conciência.

HJALMAR — Conciência, disseste?

GREGERS — Sim, não há dúvida. Ah! nem te sei dizer a felicidade que sinto em saber tudo isso a respeito de meu pai. — Então estás casado, Hjalmar? Outrotanto não poderei dizer de mim. Espero que sejas feliz no casamento.

HJALMAR — Certamente que sou feliz. É uma mulher como não se pode desejar melhor: hábil e boa dona de casa. Além disso, tem certa educação.

GREGERS (*Um pouco admirado*) — Ainda bem.

HJALMAR — É que... tu sabes: a vida é uma escola. Meu convívio quotidiano... Além disso, temos, como visitas habituais, algumas pessoas de mérito. Asseguro-te que não reconhecerias Gina.

GREGERS — Gina?

HJALMAR — Pois é, meu caro. Não te lembras que ela se chama Gina?

GREGERS — Que Gina? Não posso saber.

HJALMAR — Não te recordas de que ela trabalhou aquí antigamente.

GREGERS (*olhando-o*) — Gina Hansen?

HJALMAR — Ela mesma: Gina Hansen.

GREGERS — A que governou a casa durante a última doença de minha mãe?

HJALMAR — Sim. Vamos, meu caro Gregers: estou certo de que teu pai te informou do meu casamento.

GREGERS (*que se havia levantado*) — Com efeito, êle me comunicou. Mas não me disse... — (*caminha de um lado para o outro.*) Sim, sim, espera um pouco... Agora me lembro... Mas as cartas do meu pai são tão curtas. (*Senta-se no braço da poltrona.*) Ouve, Hjalmar: conta-me mais cousas. É curioso! Vejamos... Como conheceste Gina... tua mulher?

HJALMAR — De um modo muito simples: Gina tinha deixado a casa onde tudo estava em reviravolta... desde a doença de tua mãe, compreendes? Ela não podia mais aguentar. Despediu-se e retirou-se. Foi no ano que precedeu a morte de tua mãe... ou, talvez, no mesmo ano.

GREGERS — Sim, foi no mesmo ano da morte de mamãe. Nessa época eu já estava na usina. Mas vamos, continua.

HJALMAR — Pois bem, Gina foi para a casa da mãe dela, uma mulher ativa e empreendedora, que tinha um pequeno restaurante. Ao lado, ela tinha um quarto para alugar, um lindo quarto, elegante e bem mobilado.

GREGERS — E, naturalmente, tiveste a sorte de ir morar nele.

HJALMAR — Sim. E foi até teu pai quem me deu esta idéia. E foi aí, — compreendes — foi justamente aí que eu travei relações com Gina.

GREGERS — E isso terminou com um compromisso.

HJALMAR — Sim. Um rapaz, uma rapariga... o amor vem depressa.

GREGERS (*levantando-se e recomeçando a caminhar*) — Escuta: foi depois disso — depois do teu noivado — que meu pai te aconselhou... enfim: foi então que resolveste seres fotógrafo?

HJALMAR — Justamente. Eu me quis criar uma situação e estabelecer-me o mais depressa possível. Eu e teu pai concordamos em que a fotografia era o que havia de mais fácil. Gina era da mesma opinião. Ah! é verdade! Havia ainda outro motivo: Gina tinha feito alguns estudos de retoque.

GREGERS — Era a sopa no mel.

HJALMAR (*levantando-se, com ar satisfeito*) — Não é? Não achas, meu caro, que era um linda combinação?

GREGERS — E é forçoso convir em que meu pai foi uma espécie de providência para ti.

HJALMAR (*comovido*) — Êle não abandonou o filho do velho amigo em apuros. É um nobre coração, podes crer.

SENHORA SOERBY (*entrando pelo braço de* WERLE) — Nada de protestos, meu caro senhor Werle. O senhor não deve ficar aí, no meio de tôdas essas luzes. Isso o deslumbra e lhe faz mal.

WERLE (*largando-lhe o braço, e passando a mão pelos olhos*) — Creio que tem razão.

(PETERSEN *e* JENSEN *entram trazendo umas bandejas*).

SENHORA SOERBY (*aos convivas que estão na outra sala*) — Entrem, senhores. Se alguém quer um copo de ponche, é só se dar ao trabalho de vir aquí.

O SENHOR GORDO (*aproximando-se da* SENHORA SOERBY) — Diga-me, será possível que a senhora tenha suprimido a santa liberdade de fumar?

SENHORA SOERBY — Sim, senhor camarista. Essa liberdade está proscrita nos domínios do senhor Werle.

O SENHOR CALVO — E de quando data essa ordem draconiana, Sra. Soerby

SENHORA SOERBY — Do último jantar, senhor camarista, onde algumas pessoas foram até ao abuso.

O SENHOR CALVO — E a gente não se pode permitir um pequeno abuso, Sra. Berta? Nem uma fumacinha?

SENHORA SOERBY — De modo algum, camarista Ballé.

(*A maioria dos convivas entra no gabinete de* WERLE. *Os criados oferecem o ponche*).

WERLE (*a* HJALMAR *que se conserva afastado, junto a uma mesa*) — Que está estudando aí, Ekdal?

HJALMAR — Um simples álbum, senhor Werle.

O SENHOR CALVO (*que está a caminhar pela sala*) — Fotografias! Isso deve interessá-lo.

O SENHOR GORDO (*do fundo de uma poltrona*) — Não trouxe algumas com o senhor?

HJALMAR — Não senhor.

O SENHOR GORDO — É pena! É tão bom passar o tempo a olhar imagens, sentado numa poltrona...

O SENHOR CALVO — E isso entretém a palestra.

(*A conversação continua entre risos e gracejos*).

GREGERS (*em voz baixa*) — É preciso que converses, Hjalmar.

HJALMAR (*dando de ombros*) — Falar de que?

O SENHOR GORDO — Não acha senhor Werle que o tokay até faz bem ao estômago?

WERLE (*junto à lareira*) — Pelo menos posso responsabilizar-me pelo tokay que vocês beberam hoje: é de uma ótima colheita. Aliás vocês bem o viram.

O SENHOR GORDO — Sim: tinha um perfume delicioso...

HJALMAR (*hesitante*) — Há alguma diferença entre uma colheita e outra?

O SENHOR GORDO (*rindo*) — O senhor é engraçado...

WERLE (*com um sorriso*) — Na verdade, não vale a pena oferecer-lhe uma bebida nobre.

O SENHOR CALVO — Olhe, senhor Ekdal, acontece com o tokay o mesmo que com as fotografias: precisam de sol, não é?

HJALMAR — Sim, até certo ponto é uma questão de luz.

SENHORA SOERBY — Mas então é também o caso dos camaristas: dizem que êles se viram para o sol.

O SENHOR CALVO — Ai, ai! Eis uma maldade que não é nada nova.

O SENHOR MÍOPE — A senhora se diverte...

O SENHOR GORDO — Diverte-se à nossa custa. (*Ameaçando*): Senhora Berta, Senhora Berta!...

SENHORA SOERBY — É também certo que há uma enorme diferença pela antiguidade: quanto mais velho, tanto melhor.

O SENHOR MÍOPE — A senhora me classifica entre os velhos?

SENHORA SOERBY — Muito longe disso!

O SENHOR CALVO — Vejam só! E a mim, cara Sra. Soerby?

O SENHOR GORDO — E eu, então? De que ano somos nós?

SENHORA SOERBY — Na minha opinião os senhores são dos anos gordos.

(*Ela leva aos lábios uma taça de ponche. Os camaristas riem e brincam com ela*).

WERLE — Senhora Soerby, quando quer sabe sempre sair de apuros. Não descansem os copos senhores! Petersen, encha-os. Gregers, bebamos juntos uma taça (GREGERS *não se move.*)... Não quer, também, Ekdal... já que não tivemos oportunidade de beber juntos durante o jantar?

(GRABERG *entreabre a porta*).

GRABERG — Desculpe, senhor Werle, mas estou fechado aquí dentro.

WERLE — Bem, aí está o senhor outra vez fechado.

GRABERG — Flakstad saiu com as chaves.

WERLE — Está bem passe por aquí.

GRABERG — É que somos dois.

WERLE — Pois bem: passem os dois, não se constranjam.

(GRABERG *e o velho* EKDAL *saem dos escritórios*).

WERLE (*sem querer*) — Ai!

(*Os risos e as pilhérias cessam entre os convidados.* HJALMAR *estremece à vista do pai, descansa o copo, e vira-se para a lareira*).

EKDAL (*de olhos baixos, faz pequenas mesuras à direita e à esquerda e se vai murmurando*:) — ... Desculpem... enganei-me... A porta estava fechada... Peço desculpas.

(EKDAL *e* GRABERG *saem pela porta dos fundos, à direita*).

WERLE (*entredentes*) — Êsse maldito Graberg!

GREGERS (*arregala os olhos, fica boquiaberto, e depois diz a* HJALMAR) — Mas aquele não era?...

O SENHOR GORDO — Que é que há? Quem era?

GREGERS — Oh! ninguém: eram o amanuense e outra pessoa.

O SENHOR MÍOPE (*a* HJALMAR) — O senhor conhece aquele indivíduo?

HJALMAR — Não sei. Não reparei.

O SENHOR GORDO (*levantando-se*) — Francamente que não entendo... (*Aproxima-se dos outros senhores que falam entre si, em voz baixa*).

SENHORA SOERBY (*ao criado*) — Dê-lhe alguma cousa para levar, alguma cousa boa.

PETERSEN (*fazendo um gesto de assentimento*) — Sim, senhora.

GREGERS (*com emoção, com voz contida, a* HJALMAR:) — Então era êle?

HJALMAR — Sim.

GREGERS — E, não obstante, tu o renegaste.

HJALMAR (*agitado, em voz baixa*) — Como poderia eu?...

GREGERS — Não renegar teu pai?

HJALMAR (*dolorosamente*) — Oh! se tu estivesses no meu lugar, tu...

(*Os convivas que estavam conversando entre si em voz baixa, falam afetuosamente e agora em voz bem alta*).

O SENHOR CALVO (*com ar afável, aproximando-se de* HJALMAR *e de* GREGERS) — Oh! Pelo que vejo, estão fazendo reviver as velhas recordações da universidade. Como! O senhor não fuma, Ekdal? Quer fogo? Ah! é verdade, é proibido.

HJALMAR — Obrigado, não quero...

O SENHOR GORDO — Não tem alguns versos bonitos para nos recitar, senhor Ekdal? Antigamente o senhor declamava tão bem.

HJALMAR — Infelizmente, não me posso lembrar de nada.

O SENHOR GORDO — Oh! é pena. Que poderíamos inventar, Ballé? (*Passa para a outra peça com* BALLÉ).

HJALMAR (*com voz sombria*) — Gregers, quero ir-me! Vês? Quando um homem se sente marcado pelo destino... Apresenta as minhas saudações ao teu pai.

GREGERS — Sim, sim... Vais para casa?

HJALMAR — Sim. Por que essa pergunta?

GREGERS — Porque, talvez, daquí a pouco irei encontrar-me contigo.

HJALMAR — Não, não venha a minha casa. Minha casa é triste, Gregers, sobretudo depois de uma festa brilhante como esta. Nós poderemos encontrar-nos facilmente em qualquer outro lugar, na cidade.

SENHORA SOERBY (*que se aproximou, em voz baixa*) — O senhor já vai, Ekdal?

HJALMAR — Sim.

SENHORA SOERBY — Meus cumprimentos à Gina.

HJALMAR — Obrigado.

SENHORA SOERBY — Diga-lhe que irei vê-la um dêstes dias.

HJALMAR — Sim, obrigado. (*A* GREGERS.) Fique aí. Quero sumir-me sem chamar a atenção. (*Lentamente atravessa a cena, entra no outro quarto, depois sai pela direita*).

SENHORA SOERBY (*em voz baixa ao criado que acaba de entrar*) — Então, você deu alguma cousa ao velho?

PETERSEN — Como não! Uma garrafa de conhaque.

SENHORA SOERBY — Oh! Você poderia ter achado cousa melhor do que isso.

PETERSEN — Acho que não, Senhora: êle gosta de conhaque acima de tudo.

O SENHOR GORDO (*na porta, com um caderno de música*) — Não quer que façamos música juntos, Sra. Soerby

SENHORA SOERBY — Com muito prazer.

OS CONVIVAS — Bravos, bravos!

(*Ela passa para a outra peça e dobra à direita acompanhada por todos os convidados.* WERLE *procura algo na sua escrivaninha e parece desejar que* GREGERS *se retire. Vendo que êste não se move, dirige-se para a porta de entrada*).

GREGERS — Um momento, meu pai.

WERLE (*detendo-se*) — Que há?

GREGERS — Eu queria falar-te.

WERLE — Não podes esperar que estejamos a sós?

GREGERS — Não, não posso. É possível que nunca mais estejamos a sós.

WERLE (*aproximando-se*) — Que queres dizer com isso?

(*Durante a cena seguinte, ouve-se ao longe o som de um piano*).

GREGERS — Como puderam deixar essa família decair tão miseravelmente?

WERLE — É dos Ekdal de quem falas?

GREGERS — Sim, falo dos Ekdal. Houve, entretanto, uma época em que o tenente Ekdal esteve bem ligado a ti.

WERLE — Sim, infelizmente estava ligado a mim... estreitamente ligado. Com isso sofrí bastante durante anos. Graças a êle, uma espécie de lama salpicou o meu nome.

GREGERS — Era realmente êle o único culpado?

WERLE — Que queres dizer?

GREGERS — Aquela grande operação, aquela compra de florestas, vocês afinal a tinham feito juntos.

WERLE — Mas foi Ekdal quem desenhou o mapa do terreno... aquele mapa errado. Foi êle quem fez o corte ilegal nos terrenos do Estado. Sabes perfeitamente que era êle quem dirigia tôda a exploração lá em cima. Quanto a mim, ignorava os empreendimentos do tenente Ekdal.

GREGERS — O tenente Ekdal provavelmente ignorava o alcance dos seus empreendimentos.

WERLE — É bem possível. Mas um argumento sem réplica é que êle foi condenado e eu fui absolvido.

GREGERS — Sim. Eu sei perfeitamente que não havia provas.

WERLE — Uma absolvição é uma absolvição. Para que mexer nessas velhas histórias que me embranqueceram os cabelos antes do tempo? Foi isso então o que te preocupou durante todos êsses anos em que ficaste lá em cima? Afirmo-te, Gregers, que, aquí essas cousas estão esquecidas, faz muito... no que me diz respeito, pelo menos.

GREGERS — Sim. Mas... E a desgraçada família Ekdal?

WERLE — Afinal, que querias tu que eu fizesse por essa gente? Quando Ekdal saiu da prisão, era um homem liquidado. Nada havia a fazer. Há homens que, quando naufragam, vão logo ao fundo, assim que sentem um grãozinho de chumbo no corpo... e não podem mais voltar à tona. Podes crer na minha palavra, Gregers: fiz tudo quanto me foi possível, sem, contudo, me expor às suspeitas e à maledicência.

GREGERS — Às suspeitas?... Ah! sim...

WERLE — Arranjei para Ekdal trabalho de cópia no escritório e pago-lhe muito mais do que o serviço dêle vale.

GREGERS (*sem olhá-lo*) — Não tenho dúvidas.

WERLE — Sorrís? Não me acreditas? É verdade que isso não consta na minha escrita: não anoto nunca essas despesas.

GREGERS (*sorrindo friamente*) — Realmente: há certas despesas que é melhor não anotar.

WERLE (*estremecendo*) — Que queres dizer com isso?

GREGERS (*exaltando-se*) — Anotaste o que gastaste com Hjalmar Ekdal, para êle aprender fotografia?

WERLE — Eu? Como é isso?

GREGERS — Sei agora que fôste tu que fizeste essa despesa. Sei, igualmente, que fôste tu quem lhe forneceu amplamente o necessário para êle se estabelecer.

WERLE — Já vês! E, apesar disso, achas que eu nada fiz pelos Ekdal!... Juro-te que essa gente me custou bastante dinheiro.

GREGERS — Mas anotaste ou não anotaste essas despesas?

WERLE — Por que essa pergunta?

GREGERS — Tenho as minhas razões, para fazê-las. Ouve-me bem: a época em que te interessaste tão solicitamente pelo filho do teu velho amigo, não coincidiu com o casamento de Hjalmar?

WERLE — Que diabo! Como queres que, depois de tantos anos...

GREGERS — Escreveste-me uma carta nesse tempo, uma carta de negócios, naturalmente, e num pós-escrito comunicavas-me o casamento de Hjalmar Ekdal com uma senhorita Hansen.

WERLE — É exato. Era êsse o nome dela.

GREGERS — Mas não me dizias que essa senhorita Hansen, era Gina Hansen, — nossa antiga criada.

WERLE (*com um sorriso irônico, porém frio*) — Eu não julgava que tu te interessavas particularmente pela nossa antiga criada.

GREGERS — E tinhas razão. Mas... (*Baixa a voz.*) ... mas havia em casa alguém que se interessava muito especialmente por ela.

WERLE — Que queres dizer? Não é a mim a quem aludes?

GREGERS (*em voz baixa, mas com firmeza*) — Sim, é a ti.

WERLE — Tu ousas! Tu te permites! Êsse ingrato, êsse fotógrafo, como pode êle... como ousa êle, fazer semelhantes insinuações!

GREGERS — Hjalmar não me disse uma única palavra a respeito. Não creio que êle suspeite de alguma cousa.

WERLE — Mas então de onde te vem essa idéia? Quem te pôde dizer semelhante loucura?

GREGERS — Foi a minha pobre, a minha infeliz mãe, na última vez que a vi.

WERLE — Tua mãe! Eu já devia saber! Tu e ela formavam uma única pessoa. Foi ela quem, desde o comêço, te afastou de mim.

GREGERS — Não, não foi ela. Mas foi tudo o que ela sofreu, tudo o que a despedaçou, acabrunhou, e a conduziu ao seu miserável fim.

WERLE — Ela não sofreu mais do que as outras mulheres. Não se pode raciocinar com doente, com exaltados. Sei alguma cousa disso. E, agora, aquí estás concebendo suspeitas, dando ouvidos a uma porção de mexericos e calúnias contra o teu próprio pai!... Ouve, Gregers: parece-me que na tua idade poderias achar uma ocupação mais útil.

GREGERS — Efetivamente, já é tempo.

WERLE — Talvez então te sentisses com o coração mais leve. Onde te poderá levar isso de te entrincheirares lá em cima, nas usinas, de te esfalfares como um simples empregado sem querer ganhar nem um vintém mais do que os ordenados comuns? É uma verdadeira loucura da tua parte.

GREGERS — Tens certeza disso?

WERLE — Ora, eu te compreendo. Queres ser independente, nada me queres dever. Pois justamente agora, tenho uma oportunidade que te tornará independente. Não ficarás sujeito a ninguém...

GREGERS — Sim? Como é isso?

WERLE — Quando te escreví que era indispensável que viesses à cidade imediatamente...

GREGERS — Sim, vamos ao caso: que me queres? Esperei o dia inteiro que me dissesses de que se tratava.

WERLE — Quero propor-te uma sociedade.

GREGERS — Uma sociedade? Eu, meter-me nos teus negócios?

WERLE — Sim. Não precisaríamos estar sempre juntos. Tu poderias dirigir a casa de comércio, e eu iria estabelecer-me nas usinas.

GREGERS — Tu?

WERLE — Sim, eu. Já não posso mais trabalhar como antigamente. Tenho de poupar os meus olhos, Gregers: a minha vista começa a enfraquecer-se um pouco.

GREGERS — Mas se ela sempre foi fraca...

WERLE — Não tanto quanto hoje. Além disso, poderia surgir alguma circunstância que me determinasse — quem sabe? — a ir estabelecer-me lá em cima, pelo menos por algum tempo.

GREGERS — Não creio muito nisso.

WERLE — Ouve-me, Gregers: sei que há muitas cousas que nos separam. Isso, porém, não impede que eu seja teu pai e que tu sejas meu filho. Parece que poderíamos chegar a um acôrdo.

GREGERS — A um acôrdo aparente. Não é o que queres dizer?

WERLE — Enfim, já seria alguma cousa. Reflete, Gregers. Não crês que isso se possa fazer? Que achas?

GREGERS (*olhando-o friamente*) — Deve haver aí qualquer cousa escondida.

WERLE — Por que?

GREGERS — Devo ter alguma possibilidade de te ser útil.

WERLE — Quando há laços tão chegados, sempre se pode ser útil um ao outro.

GREGERS — Parece que sim.

WERLE — Eu queria que ficasses algum tempo aquí em casa. Estou só, Gregers, sempre me senti só... tôda a minha vida. Sobretudo agora que começo a envelhecer. Preciso de alguém junto a mim, eu...

GREGERS — Tens a Senhora Soerby.

WERLE — Sim, é verdade. Não posso negar que ela, de certo modo, se me tornou indispensável. Tem espírito, um gênio uniforme, anima a casa... e é disso justamente que preciso.

GREGERS — Pois então tens o que precisas.

WERLE — Mas, tenho mêdo de que isso não possa durar. Uma mulher nessas condições, com facilidade fica numa posição falsa. Até mesmo para um homem, isso não é grande cousa.

GREGERS — Ora! Quando um homem dá jantares como tu dás, muito pouca cousa deve haver que êle não se possa permitir.

WERLE — Mas, Gregers, pensa nela. Tenho mêdo que com o tempo isso acabe lhe repugnando. E se, até mesmo, por dedicação por mim, ela consentisse em desafiar as más línguas, a meledicência, e tudo o que se segue... Podes acaso, Gregers, admitir isso, com o sentimento de justiça que te caracteriza?...

GREGERS (*interrompendo-o*) — Dize-me simplesmente que queres casar com ela.

WERLE — E se eu quisesse? Que haveria a dizer?

GREGERS — É o que também pergunto: que haveria a dizer?

WERLE — Isso, não seria muito desagradável para ti?

GREGERS — De modo algum. Nem um pouquinho.

WERLE — Pois olha, eu não sabia se, em atenção à memória de tua mãe...

GREGERS — Não sou um exaltado.

WERLE — Que o sejas ou não, a verdade é que acabas de me aliviar de um grande pêso. É para mim um grande confôrto saber que posso contar contigo nesse assunto.

GREGERS (*olhando-o fixamente*) — Agora vejo o papel que me querias dar.

WERLE — O papel que te queria dar!... Que expressão!...

GREGERS — Oh! Não sejamos tão melindrosos a respeito de expressões... Pelo menos quando estivermos a sós. (*Rindo sarcasticamente*) Ah! Era isso! A senhora Soerby estava em jôgo, precisavam de um lindo quadro de família em casa, algumas cenas enternecedoras entre pai e filho... Seria uma novidade!

WERLE — Como ousas me falar nesse tom?

GREGERS — A vida de família! Quando tivemos disso, aquí? Nunca, por mais longe que alcancem minhas recordações. Hoje, contudo, ela se torna necessária. Como seria lindo se pudessem dizer que, arrastado pela piedade filial, o filho voltara à casa para assistir às bodas do velho pai! Que restaria de todos êsses rumores que apresentam a pobre defunta sucumbindo pelos desgostos e pelos sofrimentos? Nem um eco: o filho os teria feito desvanecerem-se.

WERLE — Gregers!... Ah! Vejo-o bem: não há ninguém no mundo a quem respeites menos do que a mim.

GREGERS (*baixinho*) — É que eu te vi de muito perto.

WERLE — Tu me viste através dos olhos da tua mãe. (*Abaixando um pouco a voz.*) Deverias lembrar-te que êsses olhos viam às vêzes um pouco turvo.

GREGERS (*com voz trêmula*) — Compreendo a tua alusão. Mas sôbre quem recai a responsabilidade dessa desgraçada fraqueza de minha mãe? Sôbre ti e sôbre tôdas essas... A última, era essa criatura com quem fizeste Hjalmar Ekdal casar-se quando não quiseste mais saber dela... Oh!

WERLE (*dando de ombros*) — Parece-me estar ouvindo tua mãe.

GREGERS (*sem prestar-lhe atenção às palavras*) — E eis essa natureza confiante, essa criança grande, emaranhada numa rêde de perfídias, morando sob o mesmo teto que uma mulher dessa espécie, sem suspeitar que o seu lar, como êle o denomina, repousa numa mentira. (*Dando um passo para o pai.*) Tua existência, quando a considero, aparece-me como um campo de carnificina, atravancado de cadáveres, a perder de vista.

WERLE — Vejo que há entre nós uma barreira intransponível.

GREGERS (*inclinando-se com sangue frio*) — É também a minha opinião. Por isso pego o meu chapéu vou-me embora.

WERLE — Tu te vais? Deixas a casa?

GREGERS — Sim. Por fim achei uma finalidade para a minha vida.

WERLE — E qual é essa finalidade?

GREGERS — Se eu a dissesse só serviria para te fazer rir.

WERLE — Um solitário como eu, Gregers, não ri facilmente.

GREGERS (*apontando para o fundo da cena*) — Não percas meu pai: os camaristas estão brincando de esconder com a Senhora Soerby. Boa noite e passe bem.

(Sai pelo fundo à direita. Ouvem-se os convidados rir, depois se os vê chegar ao quarto do fundo).

WERLE *(ironicamente — entredentes — seguindo com os olhos* GREGERS *que se retira)* — Pobre! E diz que não é um exaltado!

Pano

SEGUNDO ATO

O atelier de HJALMAR EKDAL. *Uma vasta mansarda. À direita, telhado com janelas grandes, escondidas, a meio, por cortinas azues. No canto da direita, a porta de entrada. Mais para adiante, do mesmo lado, uma porta que dá para um salão pequeno. Duas portas à esquerda. Entre as duas, uma estufa de ferro. No fundo, uma larga porta de batentes duplos corrediços. O atelier está simplesmente, porém, convenientemente mobilado. À direita, entre as duas portas, a alguma distância da parede, um sofá, uma mesa e algumas cadeiras. Em cima da mesa, uma lâmpada acesa, encimada por um abat-jour. No canto da estufa uma velha poltrona. Espalhados, utensílios de fotógrafo. Perto da parede do fundo, à esquerda da porta larga, uma estante carregada de livros, de caixas, de frascos, de instrumentos, de ferramentas e de outros objetos. Sôbre a mesa, fotografias, papéis, pincéis, etc.*

GINA EKDAL *e* HEDVIG *estão sentadas. A primeira, junto a mesa, ocupada em coser; a segunda, no sofá.* HEDVIG, *com os cotovelos em cima da mesa, protegendo os olhos com as mãos, está absorvida na leitura.*

GINA (*com uma preocupação reprimida, depois de ter olhado várias vêzes de esguelha para* HEDVIG — Hedvig! (HEDVIG *não ouve*).

GINA (*mais alto*) — Hedvig!

HEDVIG (*afastando as mãos e erguendo os olhos*) — Que é, mamãe?

GINA — Não deves ler tanto, querida.

HEDVIG — Oh! Mamãe, deixa-me ler ainda um pouco. Só um pouquinho.

GINA — Não, não, fecha o livro. Papai não quer: êle mesmo nunca lê de noite.

HEDVIG (*fechando o livro*) — É que papai não tem tanta vontade quanto eu!

Gina (*depondo o seu trabalho, toma de um lapis e um pequeno caderno de notas*) — Tu te lembras quanto gastamos hoje com a manteiga?

Hedvig — Uma coroa e sessenta e cinco.

Gina — Está certo. (*Ela anota.*) É um horror o que gastamos com manteiga. Tem também as salchichas, o queijo, e além disso... vamos ver: presunto... bem (*soma*) aquí já temos...

Hedvig — Tem também a cerveja.

Gina — É verdade, cerveja... (*adicionando*). Já é uma boa quantia. Mas que é que se vai fazer!

Hedvig — E, como papai estava ausente, nós não fizemos nenhum prato quente para o jantar.

Gina — Sim. Foi uma sorte. E além disso, recebí oito coroas e cinquenta de fotografias.

Hedvig — O que? Tanto assim?

Gina — Exatamente oito coroas e cinquenta.

(*Um silêncio.* Gina *retoma o trabalho.* Hedvig *pega num papel e no lapis e se põe a desenhar, continuando a proteger os olhos com a mão esquerda*).

Hedvig — Não é engraçado que papai fôsse convidado para um jantar em casa do senhor Werle?

Gina — Não se pode dizer que êle esteja jantando em casa do senhor Werle. Foi o filho que lhe mandou um convite. (*Uma pausa.*) Nada temos que ver com o senhor Werle.

Hedvig — Estou com tanta vontade de ver o papai chegar. Êle me prometeu trazer alguma cousa boa que êle ia pedir à Sra. Soerby para mim.

Gina — Sim, lá tem cousas boas, podes ter certeza.

Hedvig (*desenha durante a cena seguinte*) — E além disso, — sabes mamãe? — parece que estou com fome.

(*O velho* Ekdal *entra pela porta do saguão, com um rôlo de papel debaixo do braço. Um outro embrulho sai do bôlso da sobrecasaca*).

Gina — Como o teu avô chega tarde hoje!...

Ekdal — Êles tinham fechado os escritórios. Fui obrigado a esperar com Graberg e passar por...

Hedvig — Êles te deram mais cousas para copiar?

Ekdal — Sim, tudo isto. Olha só.

Gina — Está muito bem.

Hedvig — E tu tens ainda um embrulho no bôlso.

Ekdal — Como? Que tolice: não tenho nada. (*Depondo a bengala num canto.*) Isto vai dar trabalho para muito tempo, Gina. (*Entreabre a porta do fundo.*) Psiu (*olha um instante no interior, depois fecha a porta com precaução.*) He!

Estão dormindo todos juntos. Êle até está deitado no cêsto. He! He!

HEDVIG — Tu tens certeza, vovô, que êle não sente frio no cêsto?

EKDAL — Que idéia! Frio com tôda aquela palha? (*Dirige-se para a segunda porta à esquerda.*) Onde acharei fósforos?

GINA — Os fósforos estão em cima da cômoda.

(EKDAL *entra no quarto*).

HEDVIG — Que bom de terem dado tôda essa cópia para vovô.

GINA — Pobre vovô! Só assim êle poderá ganhar um pouco de dinheiro pro seu bolsinho.

HEDVIG — E, além disso, êle assim não poderá passar tôdas as manhãs no restaurante dessa Senhora Eriksen.

GINA — Ah! Sim. (*Curto silêncio*).

HEDVIG — Tu achas que êles ainda estão na mesa?

GINA — Só Deus sabe. Pode muito bem ser que sim.

HEDVIG — Imagina só, quanta cousa boa papai teve pra comer! Eu garanto que êle vai voltar alegre e de bom humor. Não achas, mamãe?

GINA — Oh! sim. Mas imagina se nós pudéssemos dizer a êle que tínhamos alugado o quarto!...

HEDVIG — Esta noite não é preciso.

GINA — Isso não estragava nada, minha filha. E êsse quarto não nos serve para cousa alguma.

HEDVIG — Eu queria dizer que papai hoje vai estar alegre de qualquer jeito. É melhor nós termos o quarto em reserva para outra vez.

GINA (*olhando-a*) — Tu gostas de ter sempre uma boa notícia para dar a teu pai quando êle chega?

HEDVIG — Gosto sim. Porque a casa fica logo mais alegre.

GINA (*falando consigo mesma*) — É verdade.

(*O velho* EKDAL *entra e se dirige para a primeira porta à esquerda*).

GINA (*virando-se a meio*) — Vovô, o senhor precisa de alguma cousa na cozinha?

EKDAL — Sim, sim, não te incomodes. (*Sai*).

GINA — Contanto que não vá remexer nos carvões... (*Esperando um momento*). Hedvig, vai ver o que êle está fazendo.

(EKDAL *torna a entrar, com uma pequena chícara de água fervendo na mão*).

HEDVIG — Estás procurando água quente, vovô?

EKDAL — Sim, sim, preciso. Tenho de escrever e a tinta ficou grossa como mingau...

GINA — Mas avô, o senhor devia comer primeiro. A ceia está esperando.

EKDAL — Eu não vou cear, Gina. Estou muito ocupado, já te disse. Ninguém deve entrar no meu quarto. Ninguém, ouviste? (*Entra no quarto.* GINA *e* HEDVIG *se entreolham*).

GINA (*baixando a voz*) — Explica-me se puderes onde êle achou dinheiro.

HEDVIG — Foi talvez Graberg que deu.

GINA — Isso não. É sempre para mim que Graberg manda o dinheiro.

HEDVIG — Com certeza êle comprou uma garrafa fiado em qualquer lugar.

GINA — Pobre avô, ninguém lhe fiaria nada!...

(HJALMAR EKDAL *entra pela porta da direita. Está de sobretudo, com um chapéu cinzento de feltro, mole, na cabeça*).

GINA (*atirando o trabalho e se levantando*) — Como, já estás aquí Ekdal!

HEDVIG (*dando um pulo*) — Já de volta, papai!

HJALMAR (*tirando a chapéu*) — A estas horas todos já devem ter saído.

HEDVIG — Tão cedo?

HJALMAR — Claro que sim, pois era um jantar. (*Faz um movimento para tirar o sobretudo*).

GINA — Deixa que te ajude.

HEDVIG — E eu também.

(*Elas o desembaraçam do sobretudo que* GINA *vai pendurar num prego no fundo*).

HEDVIG — Havia muita gente, papai?

HJALMAR — Oh! Não! Éramos doze ou quatorze pessoas à mesa.

GINA — E tu pudeste falar com êles todos?

HJALMAR — Sim, poucas palavras. Mas estava o Gregers que não me largou um minuto.

GINA — Gregers continua sempre muito feio?

HJALMAR — Na verdade, êle não é muito bonito. Meu pai ainda não voltou?

HEDVIG — Sim. Mas já se fechou para escrever.

HJALMAR — Êle não disse nada?

GINA — Não. Que querias que êle dissesse?

HJALMAR — Êle não contou que...? Pareceu-me ter ouvido dizer que êle esteve no Graberg. Vou entrar um momento no quarto dêle.

GINA — Não, não, não entres.

HJALMAR — Por que? Êle disse que não queria me ver?

GINA — Eu creio que esta noite êle não quer ver ninguém.

HEDVIG (*fazendo-lhe um sinal*) — Hum — Hum!

GINA (*que não viu o gesto*) — Êle ainda há pouco foi buscar água fervendo.

HJALMAR — Ah! Êle está então...?

GINA — É possível.

HJALMAR — Meu Deus! Meu pobre velho pai!... Pensemos nos seus cabelos brancos! Deixemos que êle se regale à vontade.

(*O velho* EKDAL *entra, fumando cachimbo. Vestiu o robe de-chambre*).

EKDAL — De volta? Bem me pareceu reconhecer a tua voz.

HJALMAR — Estou chegando.

EKDAL — Tu não me viste passar, não foi?

HJALMAR — Não. Mas disseram-me que tu acabavas de passar e eu não quis te alcançar.

EKDAL — Foi uma delicadeza tua, Hjalmar. E quem era aquela gente tôda?

HJALMAR — Havia várias pessoas: o camarista Flor, o camarista Ballé, e o camarista Kaspersen, e o camarista Fulano... não me lembro mais.

EKDAL (*meneando a cabeça*) — Estás ouvindo, Gina! Êle esteve numa reunião onde só havia camaristas ninguém mais, a não serem camaristas.

GINA — A casa se tornou muito elegante, não há dúvida.

HEDVIG — Os camaristas cantaram, papai? Recitaram alguma cousa?

HJALMAR — Não. Não fizeram mais do que tagarelar. Depois me quiseram fazer declamar, mas eu não quis.

EKDAL — Não quis, disseste?

GINA — Parece-me que bem podias ter feito isso...

HJALMAR — Não. Não se deve estar às ordens de todo o mundo. (*Caminhando pelo quarto.*) E, além disso, seria uma atitude em desacôrdo com meu caráter.

EKDAL — Hjalmar não é homem para isso.

HJALMAR — Não vejo por que teria eu de me encarregar de divertir os demais, por uma vez que vou a uma reunião. Os outros que se esfalfem, se quiserem. Êsses tipos não vão de casa em casa comer e beber, e isso todos os dias do ano? Então que tenham a bondade de se tornar úteis em troca do que lhes oferecem.

GINA — Mas ao menos tu não lhes disseste isto?

HJALMAR (*cantarolando*) — Oh, oh, oh! Êles ouviram um pouco de tudo, em todos os tons.

Ekdal — Sem te importares que fôssem camaristas...

Hjalmar — Isso não lhes serviu de nada. (*Mudando de tom.*) Depois tivemos uma pequena discussão à propósito do tokay.

Ekdal — Do tokay, dizes tu? É um vinho muito fino, não é?

Hjalmar (*parando*) — Êle *pode* ser muito fino. Mas os anos não são todos igualmente bons, compreendes? Isso depende de mais ou de menos sol que tenha havido.

Gina — Tu sabes tudo, Ekdal!

Ekdal — E êles brigaram por causa disso?

Hjalmar — Quase que brigaram. Mas, então, ficaram sabendo que os camaristas estão no mesmo caso. Para êles também há ano e ano. Isso lhes foi dito.

Gina — Tu sempre achas a palavra necessária.

Ekdal — Lindo, lindo! E êles engoliram tudo?

Hjalmar — Em cheio.

Ekdal — Estás ouvindo, Gina? Êle lhes mandou isso em cheio, a todos aqueles camaristas.

Gina — Realmente? Em cheio?

Hjalmar — Sim. Mas eu não quero que se fale nisso. Não se deve repetir essas cousas. Aliás, tudo se passou entre amigos. Êles todos são tão amáveis, tão cordatos... Em caso algum eu quereria ferí-los.

Ekdal — Mas mesmo assim êles receberam em cheio.

Hedvig (*insinuante*) — Como é engraçado ver-te de casaca. Ficas tão bem de casaca, sabes papai?

Hjalmar — Não é? Tu achas? É que esta casaca me senta muito bem. Parece até que foi feita para mim. Talvez um pouco apertada nas cavas. Hedvig, ajuda-me. (*Êle tira a casaca.*) Prefiro vestir o meu paletó. Gina onde está o meu paletó?

Gina — Aquí está êle.

(*Entrega-lhe o paletó e o ajuda a vestí-lo*).

Hjalmar — Agora sim! Não te esqueças de restituir a asaca a Molvig, amanhã de manhã.

Gina (*pondo a casaca de lado*) — Podes ficar descansado.

Hjalmar (*espreguiçando-se*:) — Ah! assim a gente se sente mais em casa... E depois, êsse trajo caseiro convém mais ao meu modo de ser. Não é, Hedvig?

Hedvig — Oh! sim, papai.

Hjalmar — Se eu dobrasse as pontas da gravata... Olha! Assim! Que dizes?

Hedvig — Vai muito bem com a tua barbicha e com os teus cabelos crespos.

HJALMAR — Não é exatamente crêspo: é, antes, ondulado.

HEDVIG — É mesmo: tens umas ondas tão grandes.

HJALMAR — Isso mesmo: ondas.

HEDVIG (*depois de um instante, puxando-o pelo paletó*) — Papai!

HJALMAR — Que é?

HEDVIG — Oh! Tu bem sabes o que eu quero.

HJALMAR — Francamente não, não sei de nada.

HEDVIG (*com voz queixosa, sorrindo*) — Sabes sim, papai! Tu não vais me atormentar mais tempo, vais?

HJALMAR — Mas afinal que é que há?

HEDVIG (*sacudindo-o*) — Ora! Afinal não vais me dar agora?... Tu sabes bem: as cousas boas que me prometeste.

HJALMAR — Ora! Não é que eu me esquecí!

HEDVIG — Tu estás mexendo comigo, papai! Devias ficar com vergonha! Onde escondeste?

HJALMAR — Palavra! Esquecí-me! Mas espera um pouco. Tenho aquí outra cousa para te dar, Hedvig.

(*Êle pega a casaca e procura nos bolsos*).

HEDVIG (*saltando e batendo com as mãos*) — Oh! Mamãe, mamãe!

HJALMAR (*puxando uma fôlha de papel*) — Toma, aquí está.

HEDVIG — Isso? É só uma fôlha de papel...

HJALMAR — É um cardápio, pequena. O cardápio do jantar. Olha: está escrito.

HEDVIG — Só tens isto?

HJALMAR — Pois eu não te disse que me esquecí! Tôdas essas gulodices são um divertimento todo. Senta-te aí e lê o cardápio. Dir-te-ei depois o gôsto dos pratos. Então Hedvig!

HEDVIG (*engolindo as lágrimas*) — Obrigada.

(*Ela se senta mas não lê. A mãe faz-lhe um sinal.* HJALMAR *percebe-o*).

HJALMAR (*caminhando de um lado para o outro na cena*) — É incrível! O número de cousas de que um chefe de família tem para se lembrar! E se êle esquece uma única cousa, fazem-lhe cara feia logo. Paciência! A gente se habitua a tudo. (*Aproxima-se do pai, que está sentado junto à estufa*). Deste uma olhadela alí dentro esta noite, pai?

EKDAL — Claro que sim. Êle entrou no cêsto.

HJALMAR — Ah! Êle entrou no cêsto! Está começando a se acostumar.

EKDAL — Eu não te dizia? É preciso apenas fazer algumas modificações, sabes, para...

HJALMAR — Sim, alguns aperfeiçoamentos.

Ekdal — É preciso fazê-los.

Hjalmar — Muito bem. Falemos um pouco dêsses aperfeiçoamentos. Vem, pai. Sentemo-nos alí no sofá.

Ekdal — Sim, sim... Mas preciso primeiro encher meu cachimbo. Êle está também um pouco sujo. Vou limpá-lo. (*Entra no quarto*).

Gina (*a* **Hjalmar**, *sorrindo*) — Ouve: êle está limpando o cachimbo.

Hjalmar — Pois sim, Gina, deixa-o fazer. Pobre velho náufrago! Devemos começar essas melhorias amanhã mesmo para ficarmos descansados.

Gina — Amanhã, Ekdal, não terás tempo.

Hedvig (*interrompendo*) — Oh! Terá sim, mamãe.

Gina — Por causa daquelas provas que têm de ser retocadas. Vieram várias vêzes procurar por elas hoje.

Hjalmar — Ora! Ainda essas provas! Está bem: ficarão prontas. E fizeram novas encomendas?

Gina — Infelizmente não! Amanhã só tenho dois retratos a fazer, tu sabes bem.

Hjalmar — Nada mais? Também quando a gente não se dá ao trabalho...

Gina — Mas que hei de eu fazer? Ponho anúncios tanto quanto posso.

Hjalmar — Ora! anúncios! Estás vendo para o que servem. E não veio ninguém pelo quarto?

Gina — Até agora ninguém.

Hjalmar — Era de esperar... Quando não se tem jeito... Olha, Gina, é preciso que te mexas...

Hedvig (*aproximando-se dêle*) — Queres que eu vá buscar a flauta, papai?

Hjalmar — Não, nada de flauta! Não preciso de alegrias neste mundo! (*Caminhando*). E amanhã, cairei no trabalho, podem ficar certas. Trabalharei enquanto tiver fôrças.

Gina — Mas meu querido Ekdal, não era isso o que eu queria dizer.

Hedvig — Papai, não queres que eu te traga uma garrafa de cerveja?

Hjalmar — Não. Eu não preciso de nada, — (*detendo-se*). Cerveja? Cerveja, disseste?

Hedvig (*solícita*) — Sim, papai, cerveja da boa, bem fresca.

Hjalmar — Já que fazes tanta questão podes trazer uma garrafa de cerveja.

Gina — Sim, é isso. Vai buscar uma: vamos gozar um pouco a vida.

(HEDVIG *precipita-se para a porta da cozinha*).

HJALMAR (*junto à estufa, detém-na, olha-a, pega-lhe a cabeça, e apoia contra o peito*) — Hedvig, Hedvig!

HEDVIG (*chorando de alegria*) — Papai querido!

HJALMAR — Não, não me chames assim. Eu me sentei à mesa dêsse rico, carregada de pratos deliciosos... e me deleitei com êles! Poderia pelo menos...

GINA (*sentada perto da mesa*) — Tolices, Ekdal, tolices.

HJALMAR — Oh! Não! Mas não me queiram mal por isso. Vocês bem sabem quanto as quero.

HEDVIG (*pondo-lhe as mãos à roda do pescoço*) — E nós, papai, nós te adoramos!

HJALMAR — E se me acontece ser às vêzes caprichoso, meu Deus, lembrem-se dos desgostos que me castigam. Vamos! (*Enxuga os olhos*). Nada de cerveja num momento dêstes: dá-me a flauta.

(HEDVIG *corre para o aparador e traz a flauta*).

HJALMAR — Obrigado! Pronto! A flauta nas mãos e vocês duas a meu lado.

(HEDVIG *senta-se na mesa ao lado de* GINA. HJALMAR *caminha de um lado para o outro na sala sopra com fôrça o instrumento e toca uma dança popular tcheca, dando-lhe um caráter elégíaco e sentimental*).

HJALMAR (*interrompe-se para dar a mão esquerda à* GINA. *Em tom comovido*:) — Por mais que a gente esteja apertada neste nosso humilde teto, Gina, nem por isso êle deixa de ser o lar. E digo-te sinceramente: Aquí se está bem. (*Recomeça a tocar. Batem à porta de entrada*).

GINA (*levantando-se*) — Ekdal, creio que vem alguém.

HJALMAR (*pondo a flauta em cima do aparador*) — Bom! outra caceteação.

(GINA *vai abrir a porta*).

GREGERS WERLE (*na soleira da porta*) — Perdão!

GINA (*recuando um pouco*) — Oh!

GREGERS — É aquí que mora o senhor Ekdal, o fotógrafo?

GINA — Sim é aquí.

HJALMAR (*indo à porta*) — Gregers! Vieste, apesar de tudo. Pois bem! Entra.

GREGERS (*entrando*) — Eu te disse que viria esta noite.

HJALMAR — Por que esta noite? Deixaste a reunião?

GREGERS — A reunião e a casa paterna: uma e outra ao mesmo tempo. Boa noite, Sra. Ekdal. Não sei se me reconhece.

GINA — Certamente: o senhor Werle filho não é difícil de ser reconhecido.

GREGERS — Pareço-me com a minha mãe. E a senhora, creio que não a esqueceu, não é verdade?

HJALMAR — Deixaste a casa, disseste?

GREGERS — Sim, tomei um quarto no hotel.

HJALMAR — Sim? Pois bem! Já que estás aquí tira o sobretudo e senta-te.

GREGERS — Obrigado. (*Tira o sobretudo. Mudara de roupa e vestira um simples terno cinzento de corte camponês*).

HJALMAR — Põe-te à vontade... Alí no sofá.

(GREGERS *senta-se no sofá.* HJALMAR *senta-se numa cadeira junto à mesa*).

GREGERS (*passeando um olhar pela sala*) — É então êste o teu interior, Hjalmar! É aquí que moras?

HJALMAR — Como vês, isto aquí é o atelier.

GINA — Êste compartimento é mais espaçoso. Por isto é que preferimos ficar aquí.

HJALMAR — De comêço estivemos mais bem alojados. Mas êste apartamento tem uma grande vantagem: magníficos quartos para depósito.

GINA — E além disso temos em frente, no mesmo patamar um quarto que podemos alugar.

GREGERS (a HJALMAR) — Sim? Então tens inquilinos?

HJALMAR — Ainda não. Isso não vai assim tão depressa. É preciso fazer fôrça. (*A* HEDVIG). E então, Hedvig! E a cerveja? (HEDVIG *faz um sinal de anuência e vai à cozinha*).

GREGERS — É tua filha?

HJALMAR — Sim, é Hedvig.

GREGERS — Filha única, não é?

HJALMAR — Sim, filha única. É a nossa maior alegria neste mundo. (*Abaixando a voz*) Mas é também a nossa maior preocupação, Gregers.

GREGERS — Preocupação? Por que?

HJALMAR — Ela corre perigo de perder a vista.

GREGERS — Ameaçada de ficar cega?

HJALMAR — Sim. Até agora só apareceram os primeiros sintomas. Isso pode durar algum tempo ainda. Mas fomos avisados pelo médico: é irremediável.

GREGERS — Que desgraça horrível! De onde lhe vem isso?

HJALMAR (*com um suspiro*) — Provavelmente é hereditário.

GREGERS (*impressionado*) — Hereditário?

GINA — A mãe de Ekdal tinha a vista fraca.

HJALMAR — É o que o meu pai afirma. Quanto a mim, não me lembro nada dela.

GREGERS — Pobre criança! E como suporta ela isso?

Hjalmar — Como deves compreender, não temos coragem de lhe dizer tal cousa. Ela não suspeita o perigo. Entrará na noite eterna alegre e despreocupada, gorjeando, esvoaçando como um passarinho. (*Em tom acabrunhado*). Oh! Meu amigo, que tortura para mim!

(Hedvig *traz a cerveja e copos numa bandeja que põe sôbre a mesa*).

Hjalmar (*passando-lhe a mão pela cabeça*) — Obrigado, Hedvig, obrigado.

Hedvig (*passando o braço à roda do pescoço do pai, murmura-lhe algumas palavras ao ouvido*).

Hjalmar — Nada de torradas agora. (*Olha para Gregers.*) A menos que Gregers queira?

Gregers (*fazendo um gesto de recusa*) — Não, obrigado.

Hjalmar (*com voz comovida*) — Vamos! Afinal podes me trazer algumas fatias. Se houver crostas tanto melhor. E não te esqueças de lhes pôr manteiga, ouviste?

Hedvig (*faz um pequeno sinal de satisfação e volta à cozinha*).

Gregers (*que a seguiu com o olhar*) — Tem um ar tão viçoso, tão saudável...

Gina — Sim, quanto ao resto não temos por que nos queixar. Graças a Deus é uma menina completa.

Gregers — Ela se parece com a senhora, Sra. Ekdal. Que idade pode ela ter?

Gina — Vai fazer quatorze anos, depois de amanhã.

Gregers — Ela é bastante alta para a idade que tem.

Gina — Sim, ela cresceu muito o ano passado.

Gregers — É ao ver as crianças crescerem assim que a gente percebe que envelhece. Há quanto tempo estão casados?

Gina — Estamos casados há... sim, há quase quinze anos.

Gregers — Realmente, faz tanto tempo assim?

Gina (*olhando-o com mais atenção*) — Certamente que sim.

Hjalmar — Com certeza, quinze anos, mês mais, mês menos. (*Mudando de tom.*) Que dizes Gregers, achaste muito longos todos êsses anos que passaste na usina?

Gregers — Pareciam-me longos enquanto estava lá. Agora ao olhar para trás não sei como passou o tempo.

(*O velho* Ekdal, *entra sem o cachimbo, com o velho quepi de uniforme na cabeça, um passo cambaleante*).

Ekdal — Vamos Hjalmar, nós agora podemos nos sentar e falar daquele negócio — hein?... De que se tratava?

Hjalmar (*indo-lhe ao encontro*) — Pai, temos uma visita: Gregers Werle. Não sei se tu te lembras dêle?

EKDAL (*olhando* GREGERS *que se levantou*) — Werle? É o filho, êste? Que é que êle me quer?

HJALMAR — Nada. É a mim que êle veio visitar.

EKDAL — Bem. Então não há nada de novo?

HJALMAR — Não, não há nada.

EKDAL (*com um movimento dos braços*) — Não é nada disso, sabes. Não tenho mêdo. Mas...

GREGERS (*dirigindo-se a êle*) — Eu desejava somente lhe dar notícias das caçadas. Lembra-se delas, tenente Ekdal?

EKDAL — As caçadas?

GREGERS — Sim, lá em cima, nos arredores de Heydal...

EKDAL — Ah! Sim, lá em cima!... Por lá me conheciam bastante, naquele tempo.

GREGERS — No tempo em que o senhor era um grande caçador.

EKDAL — Eu era, sim. É bem possível. Está olhando o uniforme? Aquí não peço licença a ninguém para usá-lo. Contanto que não saia à rua com êle...

(**HEDVIG** *traz as torradas que coloca em cima da mesa*).

HJALMAR — Senta-te pai, e toma um copo. Serve-te, Gregers.

(**EKDAL** *murmura qualquer cousa entredentes, e alcança o sofá cambaleando.* **GREGERS** *senta-se numa cadeira ao lado dêle.* **HJALMAR**, *abanca-se do outro lado de* **GREGERS**. **GINA**, *sentada a alguma distância da mesa, cose.* **HEDVIG** *está de pé ao lado do pai*).

GREGERS — Lembra-se tenente Ekdal, do tempo em que Hjalmar e eu íamos vê-lo lá em cima, no Natal e no verão?

EKDAL — Vocês foram me ver? Não, não me lembro disso. Mas o que não tenho mêdo de dizer é que fui um famoso caçador. Matei ursos. Matei nove, nada menos.

GREGERS (*olhando-o penalizado*) — E agora não vai mais à caça?

EKDAL — Não diga isso, filho... Ainda se caça de quando em quando... Não daquela forma, isso não!... Isso de floresta, sabe? A floresta, a floresta! (*Bebe.*) As matas andam bem agora?

GREGERS — Não como no seu tempo. Derrubaram muitas árvores.

EKDAL — Derrubaram? (*Baixando a voz, como se o invadisse o mêdo.*) É perigoso derrubar. Isso trás consequências. A floresta se vinga.

HJALMAR (*enchendo o copo de* **EKDAL**) — Vamos, pai, mais um pouco.

GREGERS — Como pode um homem como o senhor, acostumado ao ar livre, viver no meio da fumaça de uma cidade, entre quatro paredes?

EKDAL (*sorrindo levemente e piscando o ôlho para* HJALMAR) — Oh! Não se está de todo mal aquí, não se está tão mal assim...

GREGERS — Mas... E tôdas as condições a que o senhor estava acostumado lá em cima? O ar fresco e vivificante, a vida livre das florestas e dos grandes planaltos, a caça de pena e de pêlo?...

EKDAL (*sorrindo*) — Que dizes, Hjalmar, queres que lhe mostremos?...

HJALMAR (*com vivacidade e um pouco embaraçado*) — Não, não, pai. Hoje, não.

GREGERS — Que é que êle quer me mostrar?

HJALMAR — Ora, nada. Verás isso outra vez.

GREGERS (*dirigindo-se novamente ao velho*) — Ouça, tenente Ekdal: quero propor-lhe que venha comigo à usina. Vou voltar breve. Lá, lhe conseguirei cópias a fazer, tanto como aquí. Afinal, o senhor não tem nada no mundo que o interesse ou o prenda.

EKDAL (*olhando-o espavorido*) — Eu não tenho nada que me interesse?

GREGERS — Sim, o senhor tem Hjalmar. Êle, porém, por seu lado, tem os seus. E um homem como o senhor que sempre se sentiu atraído pela natureza livre e selvagem...

EKDAL (*dando um sôco na mesa*) — Hjalmar, temos que lhe mostrar.

HJALMAR — Ora, pai, não vale a pena. Está escuro.

EKDAL — Tolice. Há luar. (*Ergue-se.*) É preciso que êle veja isso, digo-te eu. Deixa-me passar. Vem me ajudar Hedvig.

HEDVIG — Oh sim! vôvô!

HJALMAR — Está bem, vamos.

GREGERS (*a* GINA) — De que se trata?

GINA — Não vá pensar que é alguma cousa de extraordinário.

(EKDAL *e* HJALMAR *dirigem-se para o fundo e cada um dêles afasta uma metade da porta corrediça.* GREGERS, *está de pé junto ao sofá.* GINA *continua tranquilamente a coser. Pela abertura do fundo se entrevê uma vasta mansarda de forma irregular. Aquí e alí caibros, tubos de chaminé. Pelas clarabóias do telhado a lua ilumina de cheio certas partes do sótão, enquanto que o resto fica mergulhado na sombra*).

EKDAL (*a* GREGERS) — Alí! Venha. Aproxime-se.

GREGERS (*aproximando-se*) — Vejamos o que é?

Ekdal — Pode ver.

Hjalmar (*um tanto contrafeito*) — Tudo isso são cousas do meu pai.

Gregers (*adianta-se até a porta, e passa os olhos pela mansarda*) — O senhor cria galinhas, tenente Ekdal?

Ekdal — Como não? Criamos galinhas. Elas estão empoleiradas para passar a noite. Mas se o senhor visse essas galinhas em pleno dia!

Hedvig — E além disso há...

Ekdal — Cala a bôca: não deves dizer ainda.

Gregers — Pelo que vejo o senhor também tem pombos.

Ekdal — É. É bem possível que também tenhamos pombos, não digo o contrário! Êles têm o ninho para chocar lá no beiral do telhado... O senhor compreende... Êles gostam de pousar no alto.

Hjalmar — Não são unicamente pombos comuns, não vês?

Ekdal — Comuns! Decerto que não! Temos *pombos puladores*, e depois um casal de *papudos*. Agora, venha cá. Está vendo àquela arca alí, encostada na parede?

Gregers — Sim, para que serve ela?

Ekdal — É onde os coelhos dormem de noite.

Gregers — Como! O senhor também tem coelhos?

Ekdal — Ora bolas! Naturalmente, que temos coelhos! Repara só, Hjalmar, êle está perguntando se nós temos coelhos... Hum!... Mas agora vem o principal. Agora é o principal! Sai daí, Hedvig. O senhor ponha-se aquí... assim! E agora olhe para aquele lado. Está vendo um cêsto cheio de pasto?

Gregers — Sim, e também estou vendo um pássaro dentro do cêsto.

Ekdal — Hum!... "Um pássaro!"

Gregers — É um pato, não é?

Ekdal (*um tanto ofendido*) — Evidentemente, é um pato.

Hjalmar — Mas que qualidade de pato pensas tu que é?

Hedvig — Não é um pato comum.

Ekdal — Cala a bôca!

Gregers — Não é um pato turco.

Ekdal — Não, senhor Werle, não é um pato turco: é um pato selvagem, aí está.

Gregers — Realmente? Um pato selvagem?

Ekdal — Sim, um pato selvagem. Êsse "pássaro" como o senhor o chamou, é um pato selvagem, ouviu? Nosso pato selvagem.

Hedvig — *Meu* pato. Por que êle é meu.

Gregers — E êle pode viver nessa mansarda? Êle se sente à vontade?

Ekdal — Claro! Tem uma tina cheia de água para se chafurdar nela!...

Hjalmar — E água fresca de dois em dois dias.

Gina (*dirigindo-se a* Hjalmar) — Ekdal, está começando a fazer um frio de rachar aquí.

Ekdal — Hum... Então é preciso fechar. Não se deve atrapalhar o sono dêles também. — Vem, Hedvig, vem me ajudar.

(Hjalmar *e* Hedvig *fecham a porta da mansarda*).

Ekdal — Outra vez o senhor o poderá ver melhor. (*Senta-se na poltrona junto à estufa.*) Oh! O senhor sabe, êsses patos selvagens são extraordinários.

Gregers — De que jeito conseguiu o senhor pegá-lo, tenente Ekdal?

Ekdal — Não fui eu quem o pegou. Nós o devemos a certa personagem aquí da cidade.

Gregers (*com um recuo*) — Essa personagem, não é meu pai, não?

Ekdal — É exatamente seu pai.

Hjalmar — Interessante... Como você logo adivinhou, Gregers!

Gregers — Tu me disseste que deves tantas obrigações a meu pai. Eu pensei...

Gina — Mas não foi do próprio senhor Werle que nós o recebemos...

Ekdal — Seja como fôr, é a João Werle que nós o devemos, Gina. (*A* Gregers.) Êle estava caçando num barco, compreende? Atirou nele... Mas o seu pai enxerga tão mal... Só pôde estropiá-lo.

Gregers — Alguns chumbos no corpo.

Hedvig — Êle ficou ferido em baixo da asa, de modo que não podia mais voar.

Gregers — Foi ao fundo, naturalmente.

Ekdal (*meio adormecido, com a bôca pastosa*) — Naturalmente. Os patos selvagens sempre fazem assim. Vão ao fundo tanto quanto podem, seguram-se com o bico nas ervas marinhas e nos juncos... e em tôdas as sujeiras que acham lá em baixo... e nunca mais sobem.

Gregers — Mas, tenente, o seu pato selvagem, êsse subiu.

Ekdal — Foi por que o seu pai tinha um bom cão. Êle mergulhou e trouxe o pato.

Gregers (*a* Hjalmar) — Foi depois disso que o conseguiste?

HJALMAR — Não imediatamente: a princípio êle ficou em casa de teu pai. Mas não se dava bem lá. Então Petersen recebeu ordem de matá-lo...

EKDAL (*quase dormindo*) — Sim, sim... Petersen — aquele estrepe.

HJALMAR (*baixando a voz*) — Como vês, foi assim que êle veio ter aquí. Meu pai que conhece um pouco Petersen soube da cousa e arranjou-se de modo que êle nos cedesse o pato.

GREGERS — E agora ei-lo completamente feliz nesse sótão.

HJALMAR — Sim, meu caro, perfeitamente feliz. Engordou. É verdade que está aí há tanto tempo que já esqueceu a vida selvagem e isso é tudo o que se quer.

GREGERS — Tens razão, Hjalmar. Toma cuidado somente que êle nunca veja o céu e o mar. Mas é preciso que eu me vá. Teu pai está dormindo, creio eu.

HJALMAR — Oh! quanto a isso...

GREGERS — Ah! É verdade: há pouco tu dizias que tinhas um quarto para alugar, um quarto desocupado?

HJALMAR — De fato. Que queres dizer? Conheces alguém que o queira?

GREGERS — Queres me alugar êsse quarto?

HJALMAR — A ti?

GINA — Ao senhor?

GREGERS — Se eu alugo o quarto, nele me instalo, já amanhã de manhã.

HJALMAR — Muito bem. Com o maior prazer.

GINA — Mas senhor Werle, não é um quarto para o senhor, tenho certeza.

HJALMAR — Ora, essa, Gina, por que dizes isso?

GINA — Porque o quarto não é nem bastante grande, nem muito claro, e...

GREGERS — Pouco importa, Sra. Ekdal.

HJALMAR — É um quarto bem bonitinho e não muito mal mobilado.

GINA — Mas lembra-te das pessoas que moram embaixo.

GREGERS — Quem são?

GINA — Oh! Um é um antigo preceptor.

HJALMAR — O candidato Molvik.

GINA — O outro é o médico Relling.

GREGERS — Relling? Mas eu o conheço: foi, durante algum tempo, médico em Heydal.

GINA — É um par de farristas da pior espécie. Passam na pândega, voltam muito tarde da noite, e, então, algumas vêzes...

GREGERS — A gente se acostuma facilmente a tudo isso. Eu creio que farei como o pato selvagem.

GINA — Eu acho que seria melhor pensar no caso.

GREGERS — A senhora não me quer na sua casa, Sra. Ekdal?

GINA — Ora, como pode pensar uma cousa dessas?

HJALMAR — Francamente, Gina, tu me espantas. (*A* GREGERS) Pretendes ficar por enquanto na cidade?

GREGERS — Sim, agora pretendo ficar na cidade.

HJALMAR — Mas não em casa de teu pai? Que pretendes fazer?

GREGERS — Ah! aí está! Se eu soubesse já estava mais adiantado. Mas quando se tem a desgraça de ter por nome: Gregers — "Gregers" e ainda por cima "Werle"! Já ouviste alguma vez nome mais feio?

HJALMAR — Francamente que não acho.

GREGERS — É horrível! Eu teria vontade de cuspir no indivíduo que tivesse um tal nome. Enfim! quando se tem a desgraça de ser Gregers Werle, como eu...

HJALMAR (*sorrindo*) — Ha! Ha! Se tu não fôsses Gregers Werle, que quererias ser então?

GREGERS — Se me fôsse permitido escolher, eu quisera ser um cão inteligente.

GINA — Um cão!

HEDVIG (*sem pensar*) — Oh! Isso não.

GREGERS — Sim. Um cão extremamente inteligente, um dêsses que trazem os patos selvagens quando êles mergulham até o fundo e enterram o bico na lama, agarrando-se nos sargaços.

HJALMAR — Com franqueza, Gregers, não entendo nada do que estás dizendo.

GREGERS — E mesmo a idéia seguramente, não é bela... Pois fica combinado: amanhã de manhã eu me mudo. (*A* GINA.) Não lhe causarei incômodo, não tenho necessidade de ninguém. (*A* HJALMAR.) Quanto ao mais, falaremos amanhã. Boa noite Senhora. (*Faz um sinal de cabeça a* HEDVIG.) Boa noite! —

GINA — Boa noite, senhor Werle.

HEDVIG — Boa noite.

HJALMAR (*que acendeu uma vela*) — Espera um pouco. Eu vou te alumiar. A escada deve estar escura. (GREGERS *e* HJALMAR *saem pela porta do saguão*).

GINA (*com os olhos fitos e o trabalho no regaço*) — Que idéia esquisita, essa, dêle dizer que queria ser um cão!...

Hedvig — Eu vou te dizer mamãe: eu acho que êle estava pensando noutra cousa.

Gina — Em que poderia êle estar pensando?

Hedvig — Não sei. Mas durante todo o tempo parecia que êle estava pensando em cousa diferente do que dizia.

Gina — Tu achas? Tudo isso é bem esquisito.

Hjalmar (*de volta*) — Ainda havia luz na escada. (*Apaga a vela e põe-na em cima da mesa.*) Ah! finalmente posso comer! (*Começa a comer uma fatia.*) E então, estás vendo, Gina, quando a gente sabe se arranjar?

Gina — Se arranjar? Como assim?

Hjalmar — Pois sim. Não é então uma sorte ter alugado êsse quarto? E de mais a mais a Gregers, vê só, a um velho amigo...

Gina — Nunca se pode saber...

Hedvig — Oh! mamãe, tu vais ver como vai ser divertido.

Hjalmar — Na verdade, tu és bem singular. Antes, tu querias a tôda a fôrça alugar êsse quarto, e, agora que está feito, não estás contente.

Gina — Estou contente sim, Ekdal. Mas se pudesse ter sido por outra pessoa qualquer... Que pensas tu que o senhor Werle dirá?

Hjalmar — O velho Werle? Mas êle nada tem que ver com isso.

Gina — Tu compreendes perfeitamente que há outra vez uma desavença entre êles, já que o filho deixa a casa. Sabes bem como êles são, um com o outro.

Hjalmar — Talvez seja verdade, mas no entanto...

Gina — E agora o senhor Werle vai pensar que tu és a causa de tudo.

Hjalmar — Pois que pense o que quiser. O senhor Werle fez muito por mim. Deus me livre de negar tal cousa. Mas isso não é um motivo para que eu fique tôda a vida sob a dependência dêle.

Gina — No fim, meu caro Ekdal, tu bem vês que tudo pode recair em cima do avô. É bem possível que êle perca seus pobres pequenos salários com Graberg.

Hjalmar — Quase, quase, que eu diria: tanto melhor. Não é uma cousa humilhante para um homem como eu ver o velho pai fazer de burro de moinho? Mas não estará longe o tempo, penso eu... (*Apodera-se de outra torrada.*) Tenho uma tarefa a realizar e não fugirei a ela.

Hedvig — Oh! Sim, papai.

Gina — Falem baixo. Não acordem o velho.

Hjalmar (*baixando a voz*) — Não fugirei a ela, já disse.

É preciso forçosamente que um dia... Eis aí por que é uma sorte termos alugado o quarto. Isso me dará uma posição mais independente, como convém a um homem que tem uma tarefa a realizar. (*Com emoção, virando-se para a poltrona.*) Meu pobre velho pai! Podes contar com o teu Hjalmar. Êle tem ombros largos, — ombros sólidos, em todo caso. Um belo dia ao despertares... (*A* GINA.) Tu não tens dúvidas, não é?

GINA (*erguendo-se*) — Certamente que não. Mas antes de mais nada precisamos levar o avô para a cama.

HJALMAR — Vamos.

(*Levam o velho com precaução*).

Pano

TERCEIRO ATO

O atelier de HJALMAR EKDAL. *A luz da manhã entra pela clarabóia. As cortinas estão corridas.*

HJALMAR *retoca uma prova. Diante dêle, a mesa está coberta de fotografias. Ao cabo de um momento,* GINA *entra, de manta e chapéu, com um cêsto de provisões no braço.*

HJALMAR — Já de volta, Gina?

GINA — Sim, tenho de me apressar um pouco.

(*Depõe o cêsto em cima de uma cadeira, tira o manto e o chapéu*).

HJALMAR — Não deste uma olhadela no quarto de Gregers?

GINA — Sim, naturalmente. Ah! O quarto dêle está que é uma beleza! Ainda não bem instalou-se e já fez porcaria.

HJALMAR — Como assim?

GINA — Êle quis, segundo disse, arrumar êle mesmo o quarto. E depois quis acender o fogo. Então, em vez de abrir, fechou a clarabóia, de modo que o quarto está cheio de fumaça. Uff! Aquilo entra pelo nariz que é um Deus nos acuda.

HJALMAR — Que me dizes!

GINA — E não é só isso. O pior foi que êle quis apagar o fogo e então despejou o jarro de água no fogão. Escorreu no chão que está que dá nojo.

HJALMAR — Isso é o diabo.

GINA — Mandei que a porteira fôsse lá lavar... Mas não há meio de se poder botar os pés no quarto dêle antes da noite.

HJALMAR — E durante êsse tempo que vai êle fazer?

GINA — Êle foi dar um passeio, pelo que disse.

HJALMAR — Eu também fui um momento ao quarto dêle, depois que saíste.

GINA — Sim, já sei. Êle está convidado para almoçar, não é?

HJALMAR — Oh! Uma comidinha de momento, simplesmente. No primeiro dia não podia ser de outra maneira. Tu deves ter qualquer cousinha em casa, não?

GINA — Tratarei de arrumar qualquer cousa.

HJALMAR — Em todo o caso vai ser preciso que dê para todos. Eu creio que Relling e Molvik talvez subam. Encontrei Relling na escada, e aí não tive remédio...

GINA — Como! Êsses dois também vão vir?

HJALMAR — Mas meu Deus! Mais dois, menos dois não faz diferença.

O VELHO EKDAL (*abrindo a porta do quarto dêle e passando os olhos pela sala*) — Escuta Hjalmar. (*Ao ver* GINA.) Ah!

GINA — O senhor quer alguma cousa vovô?

EKDAL — Não, não. Não tem importância. Hum... (*Dá volta e entra*).

GINA (*retomando o cêsto*) — Não te descuides com êle, não deixes êle sair.

HJALMAR — Sim, sim. Estarei atento. Ouve, Gina: um pouco de salada de arenque não seria de mais, não? Com certeza Relling e Molvik devem ter estado de pândega esta noite.

GINA — Contanto que êles não me caiam nas costas já.

HJALMAR — Não, não. Não te apresses.

GINA — Está bem, está bem. E tu, durante êste tempo, podes trabalhar um pouco.

HJALMAR — Mas eu estou trabalhando, não faço outra cousa! Trabalho o mais que posso!

GINA — Eu digo isso para te veres livre o mais depressa possível. (*Pega no cêsto e vai para a cozinha*).

HJALMAR (*continua os retoques. Trabalha com pouca vontade*).

EKDAL (*entreabre a porta, olha o atelier, e diz em voz baixa*) — Tu estás com pressa, tu?

HJALMAR — Sim, estou aquí a me esfalfar com essas fotografias.

EKDAL — Está bem, está bem, já que estás com tanta pressa... (*Volta para o quarto; a porta fica entreaberta*).

HJALMAR (*continua um momento a trabalhar em silêncio. Depois solta o pincel e se dirige para a porta*) — Tu tens pressa, pai?

EKDAL (*do outro quarto, resmungando*) — Já que estás com pressa, eu também estou.

HJALMAR — Está bem, muito bem. (*Volta ao trabalho*).

EKDAL (*passado um instante, reaparece na porta*) — Bem, Hjalmar... é para te dizer que não tenho tanta pressa assim.

HJALMAR — Pelo que me pareceu estavas escrevendo?

EKDAL — Com os diabos! Como se Graberg não pudesse esperar um dia ou dois. Não é um caso de vida ou de morte, creio eu.

HJALMAR — E além disso, tu não és um escravo.

EKDAL — Não. E' também é preciso arranjar uma cousa alí dentro.

HJALMAR — De fato. Queres entrar? Queres que abra?

EKDAL — Não digo que não.

HJALMAR (*levantando-se*) — E afinal ficaríamos quites...

EKDAL — É isso mesmo. É preciso que fique pronto amanhã de manhã bem cedo. Porque é amanhã, não é?

HJALMAR — Está claro que é amanhã.

(HJALMAR *e* EKDAL *puxam cada um dêles um dos batentes corrediços da porta. O sol entra pelas clarabóias do teto. Alguns pombos passam e tornam a passar, voando por cima do andaime. Ouve-se, de quando em quando, o cacarejar das galinhas no fundo do sótão*).

HJALMAR — Pronto. Agora podes entrar, pai.

EKDAL (*entrando*) — Tu não vens?

HJALMAR — Ora, afinal de contas, por que não?... (*Vê* GINA *na porta da cozinha.*) Mas não tenho tempo, preciso trabalhar. Agora... o mecanismo.

(*Puxa um papelão. Uma cortina desce diante da porta. A parte inferior é de pano velho, a parte superior é constituída por uma rêde. O assoalho do sótão fica assim tapado para o espectador*).

HJALMAR (*voltando à mesa*) — Enfim, vou ter um momento de sossêgo.

GINA — Lá está êle remexendo outra vez alí dentro.

HJALMAR — Acharias melhor que êle tivesse ido à casa da Sra. Eriksen? (*Senta-se.*) Que é que queres? Que dizias?

GINA — Eu só queria te perguntar se achas que podemos servir o almôço aquí?

HJALMAR — Sim, creio que ninguém virá tão cedo.

GINA — Eu só estou esperando os dois namorados que vão tirar o retrato juntos.

HJALMAR — Que diabo! Êles bem podiam tirar o retrato juntos num outro dia.

GINA — Isso não, meu caro: eu disse a êles que viessem depois do almôço, enquanto tu dormes.

HJALMAR — Bem. Nesse caso poderemos almoçar aquí.

GINA — Sim, sim, mas ainda não está na hora de pôr a mesa. Por enquanto podes te servir dela.

HJALMAR — Tu estás vendo que me sirvo da mesa tanto quanto posso!

GINA — Depois disso ficarás livre, não é? (*Volta à cozinha*).

(*Um silêncio curto*).

EKDAL (*na porta do sótão, atrás da cortina*) — Hjalmar!

HJALMAR — Que é?

EKDAL — Eu estou achando que de qualquer forma teremos de mudar a tina de lugar.

HJALMAR — É o que estou cansado de dizer.

EKDAL — Hum! hum! hum! (*Afasta-se da porta*).

HJALMAR (*trabalha um pouco, olha o teto, e ergue-se a meio*). (HEDVIG *chega da cozinha*).

HJALMAR (*sentando-se apressadamente*) — Que queres?

HEDVIG — Eu só queria vir para junto de ti, papai.

HJALMAR (*daí a pouco*) — Tu bisbilhotas por tôda a parte. Estás talvez me vigiando?

HEDVIG — Nem por sombras, papai.

HJALMAR — Que é que a tua mãe está fazendo lá dentro?

HEDVIG — Ó, mamãe está preparando a salada. (*Aproxima-se da mesa.*) Eu não posso te ajudar, papai?

HJALMAR — Não, não. É melhor que eu faça o trabalho sozinho, enquanto tiver fôrças para isso. Não há nada a temer, Hedvig — enquanto Deus conservar a saúde a teu pai!

HEDVIG — Ora paizinho, não fala assim! (*Ela caminha um pouco pelo quarto, depois pára em frente à porta e olha para dentro do sótão*).

HJALMAR — Que é que êle está fazendo?

HEDVIG — Eu creio que êle está fazendo um caminho novo para o pato poder ir para a tina.

HJALMAR — Êle não é capaz de fazer isso sozinho! E eu que estou condenado a ficar aquí!

HEDVIG (*indo para êle*) — Me dá o pincel, papai, eu sei fazer isso.

HJALMAR — Que tolice! Tu piorarás dos olhos

HEDVIG — Não, paizinho! Me dá o pincel.

HJALMAR (*levantando-se*) — Afinal, por um ou dois minutos, somente...

HEDVIG — Já vês. Que mal isso pode me fazer? (*Pega o pincel.*) Assim. (*Senta-se.*) E aquí está o modêlo.

HJALMAR — Mas não vá forçar muito os olhos, ouviste? Não sou responsável por isso, és tu... tu, somente tu... já sabes.

HEDVIG (*retocando*) — Sim, sim, sou eu, somente eu.

HJALMAR — Tu és habilidosa, Hedvig. Só dois minutos, ouviste?

(*Passa com precaução por debaixo da cortina e entra no* *sótão.* **HEDVIG** *trabalha. Ouvem-se as vozes de* **HJALMAR** *e* **EKDAL** *discutindo*).

HJALMAR (*aparecendo do outro lado da rêde*) — Hedvig, me dá as tenazes que estão em cima do aparador, e o martelo também. (*Virando-se.*) Agora, pai, tu vais ver. Deixa-me somente mostrar-te como eu imagino a cousa.

HEDVIG (*vai buscar as ferramentas e entrega-as ao pai*).

HJALMAR — Está bem, obrigado. Já não era sem tempo. (*Afasta-se da porta, ouvem-se marteladas e o barulho da conversa*).

HEDVIG (*fica-se a olhá-los. Ao cabo de um momento batem à porta de entrada. Ela, porém, não presta atenção*).

GREGERS WERLE (*entra e pára um instante, junto à porta. Está sem chapéu e sem casaco*) — Hum!

HEDVIG (*volta-se e vai ao encontro dêle*) — Bom dia. Faça o favor de entrar.

GREGERS — Obrigado. (*Olha para a entrada do sótão.*) Parece que vocês estão com operários em casa?

HEDVIG — Não, é só papai e vovô. Eu vou prevenir

GREGERS — Não, não, prefiro esperar um momento. (*Senta-se no sofá*).

HEDVIG — Está uma desordem aquí!... (*Ela quer tirar as fotografias*).

GREGERS — Deixe isso. Está trabalhando nessas fotografias?

HEDVIG — Um trabalhinho para ajudar o papai.

GREGERS — Não quero atrapalhá-la.

HEDVIG — O senhor não me atrapalha nem um bocadinho. (*Puxa para si os objetos e recomeça o trabalho.* **GREGERS** *olha-a, calado*).

GREGERS — O pato selvagem dormiu bem esta noite?

HEDVIG — Creio que sim, obrigada.

GREGERS (*virado para o sótão*) — Agora de manhã o aspecto é completamente diferente do de ontem à noite, ao luar.

HEDVIG — Oh! Sim; muda muito. De manhã não é como de noite, e, quando chove, não é igual como quando faz sol.

GREGERS — Notou isso, você?

HEDVIG — É fácil de ver.

GREGERS — Você também gosta de ficar lá, junto do pato?

HEDVIG — Sim, quando é possivel eu...

GREGERS — Você com certeza não tem muito tempo. Naturalmente vai à escola...

HEDVIG — Agora não vou mais. Papai tem mêdo por causa dos meus olhos.

GREGERS — Então êle mesmo lhe dá lições?

HEDVIG — Papai prometeu, mas ainda não teve tempo.

GREGERS — E' a não ser êle, não há ninguém que se possa ocupar de você?

HEDVIG — Sim; o candidato Molvik, mas nem sempre êle está ... o senhor sabe ...

GREGERS — Êle se embebeda, não é?

HEDVIG — Creio que sim.

GREGERS — Então, se é assim, você tem muito tempo livre. E alí dentro é um mundo à parte? ... Pelo menos imagino que seja ...

HEDVIG — Oh! Sim, completamente à parte. Além disso, alí tem cousas tão extraordinárias!

GREGERS — Realmente?

HEDVIG — Armários grandes cheios de livros. E numa porção dêsses livros tem figuras.

GREGERS — Oh!

HEDVIG — E tem também uma escrivaninha velha com gavetas e carteiras, e depois um relógio grande com bonecos que devem aparecer. Mas o relógio não funciona.

GREGERS — O tempo parou na casa do pato selvagem.

HEDVIG — Sim. Tem também caixas velhas de pintura, e outras cousas parecidas. E, além disso, tantos livros ...

GREGERS — Você lê todos êsses livros, não é?

HEDVIG — Oh! sim! Quando posso. Só que tem é que a maioria dêles são em inglês. Eu não compreendo mas nesse caso olho as figuras. Há um livro que se chama: "Harryson's History of London", que com certeza tem mais de cem anos e onde tem uma porção tão grande de figuras! ... Na primeira página tem uma gravura que representa a Morte com uma ampulheta e uma Virgem. É tão feio! Mas tem uma porção de outras figuras com igrejas, palácios, ruas, e navios grandes que vão no mar.

GREGERS — Mas, diga-me uma cousa, de onde vocês tiraram tôdas essas cousas bonitas?

HEDVIG — Foi um capitão velho que morou aquí e trouxe isso tudo. Chamavam o homem de "holandês voador". Era bem engraçado, porque êle não era holandês.

GREGERS — Sim?

HEDVIG — É. E depois êle não voltou mais e tôdas essas cousas ainda estão aquí.

GREGERS — E, agora me diga ... Quando você olha essas figuras não lhe dá vontade nunca de ver, você mesma, o mundo, o verdadeiro mundo, tal como êle é?

HEDVIG — Não! Eu quero ficar sempre em casa para ajudar o papai e a mamãe.

Gregers — Para retocar fotografias?

Hedvig — Oh! não é só isso. Eu queria sobretudo aprender a gravar figuras como as que têm os livros ingleses.

Gregers — E... que diz o seu pai a isso?

Hedvig — Eu acho que isso não está nos planos de papai. Êle é engraçado. Imagine só, êle acha que eu devo aprender a fazer cêstos e a empalhar. Mas isso é cousa que a mim não me agrada.

Gregers — Nem a mim tão pouco.

Hedvig — Só que tem é que papai naturalmente tem razão de dizer que se eu tivesse aprendido a fazer cêstos eu podia ter feito o novo para o pato.

Gregers — Pois é: isso era trabalho seu, antes de mais nada.

Hedvig — Porque o pato é meu?

Gregers — Certamente.

Hedvig — Sim, êle é meu, mas papai e vovô podem me pedir êle emprestado tôdas as vezes que quiserem.

Gregers — Sim? E o que é que êles fazem com êle?

Hedvig — Oh! Êles cuidam dêle, arranjam as cousas para êle, e pronto!...

Gregers — Eu compreendo. O primeiro lugar aquí é do pato selvagem.

Hedvig — Decerto. Pois não é um pato selvagem verdadeiro? E além disso dá tanta pena! Êle não tem com quem estar o coitado...

Gregers — Não tem família, coitadinho, como os coelhos.

Hedvig — Não. As galinhas também... tem tantas... elas foram pintinhos juntas... Mas o pato está separado da gente dêle. E além disso, dá-se uma cousa extraordinária com o pato selvagem: ninguém conhece êle e ninguém sabe de onde êle veio.

Gregers — E, para completar, êle esteve no fundo dos mares.

Hedvig (*olha* Gregers *e reprime um sorriso*) — Por que é que o senhor diz "no fundo dos mares?".

Gregers — De que outro jeito deveria dizer?

Hedvig — O senhor podia dizer no fundo do mar, ou no fundo da água.

Gregers — E por que não "no fundo dos mares?"

Hedvig — Eu acho tanta graça quando outras pessoas dizem "no fundo dos mares".

Gregers — Por que? Por que, Hedvig?

Hedvig — Não, não digo.. É muito bobo.

Gregers — Não é, não. Diga-me: por que sorriu você?

HEDVIG — Por que? Por isso: tôdas as vêzes que eu penso nessas cousas tôdas juntas... no que tem alí dentro... eu digo pra mim mesma que êsse sótão e o que está dentro dêle só tem um único nome: "o fundo dos mares". — Mas isso é tão bobo!...

GREGERS — Não vejo bobagem alguma.

HEDVIG — Mas é bobo, sim. Porque é simplesmente um sótão.

GREGERS (*olhando-a fixamente*) — Tem absoluta certeza disso?

HEDVIG (*estupefata*) — Que aquilo é um sótão?

GREGERS — Tem certeza?

HEDVIG (*cala-se e o olha boquiaberta*).

(GINA *entra, vinda da cozinha, trazendo uma toalha e a louça*).

GREGERS (*levantando-se*) — Penso que cheguei cedo demais...

GINA — O senhor tem que fazer em algum lugar. Daquí a pouco vai estar pronto. Desocupa a mesa, Hedvig.

(HEDVIG *desocupa a mesa. Durante a cena seguinte, ela e* GINA, *põem a mesa.* GREGERS *senta-se na poltrona, e folheia um álbum*).

GREGERS — Eu acabo de saber que a senhora sabe retocar fotografias, Sra. Ekdal.

GINA (*olhando-o de lado*) — É verdade.

GREGERS — Que coincidência feliz!

GINA — Como assim?

GREGERS — Por se ter Ekdal feito fotógrafo.

HEDVIG — Mamãe também sabe tirar fotografias.

GINA — Sei mesmo. Fui obrigada a aprender êsse ofício.

GREGERS — É talvez a senhora quem dirige os negócios?

GINA — Sim, quando Ekdal não tem tempo.

GREGERS — O velho pai dêle deve ocupá-lo muito.

GINA — E além disso não é um trabalho para um homem como Ekdal, isso de estar fotografando todo o mundo.

GREGERS — Também acho!... Entretanto, como êle escolheu êsse ofício...

GINA — O senhor já deve imaginar, senhor Werle, que Ekdal não é um fotógrafo comum.

GREGERS — Certamente que não! Mas...

(*Um tiro no sótão*).

GREGERS (*dando um pulo*) — O que é isso?

GINA — Lá estão êles atirando outra vez.

GREGERS — Então êles agora dão tiros?

HEDVIG — Êles estão caçando.

GREGERS — Como? (*Na entrada do sótão.*) Estás caçando, Hjalmar?

HJALMAR (*do outro lado da rêde*) — Estás aí? Eu não sabia. Estava tão ocupado. (*A* HEDVIG.) Por que não preveniste? (*Entra*).

GREGERS — Tu dás tiros no sótão?

HJALMAR (*mostrando uma pistola de cavalaria*) — Oh! Somente com isto.

GINA — Eu garanto que tu e o avô ainda vão acabar fazendo uma desgraça com essa *pestola.*

HJALMAR (*colérico*) — Já te disse quantas vêzes que essa arma que aquí está se chama uma pistola.

GINA — Nem por isso vale mais.

GREGERS — Tu também te tornaste caçador, Hjalmar?

HJALMAR — Oh! Uma caçadinha de coelho de quando em quando, compreendes. É sobretudo para satisfazer meu pai.

GINA — Os homens são engraçados: é preciso que êles tenham sempre alguma cousa para se *devertirem.*

HJALMAR (*irritado*) — Sim, sim, os homens precisam sempre ter alguma cousa para se divertir.

GINA — Mas é isso justamente que eu estou dizendo.

HJALMAR — Está bem, está bem. (*A* GREGERS.) Estás vendo? Êste sótão está tão bem situado que ninguém nos ouve atirar. (*Coloca a pistola na prateleira mais alta do aparador.*) Não mexas na pistola, Hedvig: não te esqueças de que um dos canos está carregado.

GREGERS (*olhando pela rêde*) — Pelo que vejo tens também uma espingarda.

HJALMAR — É a velha espingarda de meu pai. Não serve mais. Tem alguma cousa estragada no gatilho. Mas de qualquer forma é interessante tê-la. De vez em quando, nós a podemos desarmar, limpar, engraxar, e tornar a montá-la. — É claro que é o velho quem se ocupa dela.

HEDVIG (*que se aproximou de* GREGERS) — Agora, o senhor já pode ver o pato selvagem.

GREGERS — Já o estou vendo. Parece-me que êle arrasta a asa.

HJALMAR — Não é de admirar, por que êle foi ferido.

GREGERS — E, se não me engano, também a pata.

HJALMAR — É possível que êle arraste a pata um pouquinho.

HEDVIG — Foi nesta pata que o cão mordeu.

HJALMAR — A não ser isso, êle não tem nada. Na verdade é extraordinário, quando se pensa que êle recebeu uma carga de chumbo no corpo e que o cão o teve seguro nos dentes.

GREGERS (*com um olhar para* HEDVIG) — E que êle esteve tanto tempo no fundo dos mares...

HEDVIG (*sorrindo*) — Pois é.

GINA (*junto à mesa*) — Êsse maldito pato! Não é por falar, mas êle nos traz atrapalhações. É um verdadeiro calvário.

HJALMAR — A mesa ainda não está posta?

GINA — Daquí a pouco. Hedvig, vem ajudar.

(GINA *e* HEDVIG *vão para a cozinha*).

HJALMAR (*a meia voz*) — É melhor que tu te afastes daí. Meu pai não gosta que o olhem.

GREGERS (*afasta-se do sótão*).

HJALMAR — Vou fechar, antes que os outros cheguem. (*Bate palmas.*) Chô, chô! Fora! fora! (*Levanta a cortina e fecha a porta.*) Êste mecanismo é invenção minha. É bem divertido a gente se ocupar com estas cousas e consertá-las quando se estragam. Além de que, são absolutamente indispensáveis, porque, como vês, Gina não quer nem coelhos, nem galinhas no atelier.

GREGERS — Então quem governa aquí é a mulher?

HJALMAR — De um modo geral, é. Deixo para ela os negócios rotineiros e, durante êsse tempo, refugio-me no salão para pensar em cousas mais sérias.

GREGERS — No que pensas, Hjalmar?

HJALMAR — Eu estava admirado de que não me tivesses perguntado isso há mais tempo. Será possível que não tenhas ouvido falar da invenção?

GREGERS — Não. Que invenção?

HJALMAR — Realmente? Não ouviste falar? É verdade que naqueles desertos de onde vens...

GREGERS — Fizeste uma descoberta?

HJALMAR — Ainda não, mas estou trabalhando nela. Já devias ter percebido. Se me dediquei à fotografia, não foi, simplesmente para tirar retratos de uma porção de gente?

GREGERS — Tua mulher acabou de me dizer isso.

HJALMAR — A mim mesmo jurei, que uma vez que ia consagrar minhas fôrças a essa profissão, eu a saberia elevar à dignidade de uma arte e de uma ciência, ao mesmo tempo. Foi então que resolví fazer essa grande descoberta.

GREGERS — Em que consiste essa descoberta?

HJALMAR — Meu caro, não me deves fazer ainda perguntas sôbre detalhes. Sabes? Não é a vaidade que me impele. Não trabalho para mim. Oh! não Quero alcançar um fim que me preocupa noite e dia.

GREGERS — Que fim?

HJALMAR — Esqueces o ancião de brancos cabelos.

GREGERS — Teu pobre pai? Que poderás fazer por êle?

HJALMAR — Posso despertar nele o sentimento da sua dignidade, cobrindo o nome de Ekdal de glória e de honrarias.

GREGERS — É então essa a finalidade de tua existência?

HJALMAR — Quero salvar o náufrago! Sim, êle naufragou, apenas a tempestade se desencadeou sôbre a sua cabeça. Desde que começaram aqueles terríveis inquéritos, êle se tornou um outro homem. Vês aquela pistola que está alí, a mesma com que matamos coelhos? Ela desempenhou um papel na tragédia da família Ekdal.

GREGERS — A pistola? Realmente?

HJALMAR — Quando a sentença foi proferida, quando êle ia ser levado para a prisão, pegou da pistola...

GREGERS — Queria?...

HJALMAR — Sim, mas não teve coragem. Foi covarde. A sua alma já estava enfraquecida, desvairada. Compreendes isso, não? Êle, um militar, um homem que matara nove ursos, descendente de dois tenentes-coronéis... sim... um depois do outro, naturalmente... compreendes isso, Gregers?

GREGERS — Compreendo perfeitamente.

HJALMAR — Pois, eu não. E aí intervém a pistola outra vez na história da nossa família. Quando lhe vestiram a roupa parda, e o encarceraram... oh! que época pavorosa para mim!... Os estores das minhas duas janelas estavam abaixados. Ao olhar para fora eu via o sol brilhar como de costume. Não compreendia mais nada. Via as pessoas na rua rirem e conversarem de cousas indiferentes. Não compreendia mais nada. Parecia-me que tudo o que existe deveria parar como durante um eclipse.

GREGERS — Quando minha mãe morreu, sentí o mesmo.

HJALMAR — Nesse momento, Hjalmar Ekdal encostou no peito o cano da pistola.

GREGERS — Tu também querias!...

HJALMAR — Sim.

GREGERS — Mas não atiraste?

HJALMAR — Não. No momento decisivo, triunfei sôbre mim mesmo. Continuei a viver. Mas, acredita-me: é preciso coragem para escolher a vida nessas circunstâncias.

GREGERS — Isso depende do ponto de vista.

HJALMAR — Não há mais do que um ponto de vista, podes crer, e é uma sorte que eu o tenha escolhido, porque em breve farei a minha descoberta. E o doutor Relling crê, como eu, que depois disso meu pobre pai poderá vestir novamente o uniforme. É tudo o que pedirei em paga da minha invenção.

Gregers — É então a questão do uniforme, que...

Hjalmar — Sim, é essa a sua ambição, seu mais ardente desejo. Não podes imaginar o quanto meu coração sofre com isso. Tôdas as vêzes que realizamos uma pequena festa de família, o aniversário do meu casamento, ou qualquer cousa dêsse gênero, o ancião aparece com seu antigo uniforme de tenente. Recordação dos dias felizes. Mas, à menor batida na porta, foge para o quarto tão depressa quanto suas pobres e velhas pernas o permitem. Não se anima a mostrar-se! É uma cousa que corta a alma, compreendes?... É uma cousa que tortura o coração de um filho.

Gregers — Quanto tempo mais ou menos precisas para a tua descoberta?

Hjalmar — Meu Deus! Não me peças detalhes. Quanto tempo? Devias saber que uma descoberta... não é cousa que se regule à vontade. Depende da inspiração, de uma sugestão. É quase impossível dizer de antemão em que época se realizará.

Gregers — Não obstante, está caminhando?

Hjalmar — Naturalmente, que está caminhando. Não se passa um só dia em que eu não trabalhe na descoberta: ela me absorve completamente. Todos os dias, depois da refeição, eu me fecho no salão onde me posso concentrar em silêncio. Somente, não me devem apressar: isso não adianta. É também a opinião de Relling.

Gregers — Tu não achas que te ocupando assim dêsse sótão, tu te deixas distrair, te alheias às tuas idéias?

Hjalmar — Não. Pelo contrário. Não digas isso. Não posso andar o dia inteiro sob a obsessão constante de uma única idéia. A inspiração, compreendes?... A centelha de luz vem somente quando quer vir.

Gregers — Sabes, meu caro Hjalmar, que, a meu ver, há em ti qualquer cousa do pato selvagem?

Hjalmar — Do pato selvagem? Que queres dizer com isso?

Gregers — Tu mergulhaste até o fundo e te seguras nos sargaços.

Hjalmar — Estás pensando talvez, nesse golpe quase mortal que nos feriu na asa, a meu pai e a mim?

Gregers — Não é exatamente isso. Não quero dizer que tivesses ficado estropiado. Mas caíste num charco envenenado, Hjalmar; contraíste uma doença latente e mergulhaste para morrer na obscuridade.

Hjalmar — Morrer na obscuridade! Eu? Ora, Gregers, não me digas um absurdo dêsse!

Gregers — Acalma-te. Eu saberei te pescar de novo, porque, desde ontem, tenho, eu também, uma finalidade na existência.

Hjalmar — É bem possível. Mas eu te peço que me deixes fora de tudo isso. Posso assegurar-te que, à parte uma melancolia muito natural, eu me sinto tão bem quanto se possa desejar.

Gregers — É ainda um efeito do veneno.

Hjalmar — Ouve, meu amigo, não fales mais em doenças e venenos: não estou acostumado a êsse gênero de conversas. Na minha casa nunca se fala em cousas lúgubres.

Gregers — Está certo.

Hjalmar — Sim, porque isso não me faz bem. Aquí não há miasmas, nem pântanos, como dizes. É o humilde teto de um fotógrafo, sei disso, e minha posição é modesta. Mas eu sou um inventor, sabes? E, além disso, um pai de família. Isso me coloca acima das mesquinhezas da minha profissão. Ah! aquí está o almôço!

(**Gina** *e* **Hedvig** *trazem garrafas de cerveja, uma de aguardente, copos, etc. No mesmo instante entram* **Relling** *e* **Molvik**, *sem chapéu, nem sobretudo,* **Molvik** *está de preto*).

Gina (*arrumando a mesa*) — Bom. Êsses dois chegam bem na hora.

Relling — Molvik julgou sentir o cheiro de arenque, e desde então, não houve mais meio de o reter. Mais uma vez, bom dia, Ekdal.

Hjalmar — Gregers, permite que te apresente o candidato Molvik e o doutor... É verdade, tu conheces Relling, não é?

Gregers — Sim, ligeiramente.

Relling — Ora essa, é o senhor Werle filho! Sim, nós nos engalfinhamos lá em cima em Heydal. E o senhor veio instalar-se aquí?

Gregers — Estou instalado na casa desde hoje de manhã.

Relling — Molvik e eu moramos por baixo do senhor, de modo que terá à mão um médico e um padre para o caso de que queira fazer uso disso.

Gregers — Obrigado, talvez isso aconteça: ontem éramos treze à mesa.

Hjalmar — Vamos, Gregers: não repises sempre êsses teus assuntos lúgubres.

Relling — Podes ficar tranquilo, Ekdal: isso não te diz respeito.

Hjalmar — Assim o espero, por minha família. E, agora, sentemo-nos, comamos e bebamos. Que reine a alegria.

Gregers — Não vamos esperar o teu pai?

HJALMAR — Não, êle prefere comer no quarto, mais tarde. Sentemo-nos.

(*Os homens se sentam, comem e bebem.* GINA *e* HEDVIG *vão e vem, servindo-os*).

RELLING — Já sabe, Sra. Ekdal, que Molvik tomou ontem, outra vez, uma famosa carraspana?

GINA — Como, outra vez?

RELLING — A senhora não ouviu, quando eu o trouxe esta noite?

GINA — Não, não ouví nada.

RELLING — Tanto melhor. O pobre do Molvik estava num estado que dava pena.

GINA — É verdade, Molvik?

MOLVIK — Passemos uma esponja por sôbre os incidentes desta noite. Essas cousas não provêm do que tenho de melhor em mim.

RELLING (*a* GREGERS) — Isso se apodera dêle, como se fôsse uma sugestão. Nesses momentos é preciso que eu vá para a pândega com êle. O candidato Molvik, fique certo, é um demoníaco.

GREGERS — Um demoníaco?

RELLING — Sim, Molvik é um demoníaco.

GREGERS — Hum.

RELLING — E as naturezas demoníacas não podem andar direitas neste mundo: é preciso que, de quando em quando, elas dêem umas reviravoltas. Diga-me: ainda está suportando a moradia naquele feio poço de carvão?

GREGERS — Tenho-a suportado até agora.

RELLING — Já ultimou aquela cobrança que apresentava a todos?

GREGERS — Uma cobrança? (*Compreendendo.*) Ah! sim.

HJALMAR — Tu fazias descontos, Gregers?

GREGERS — Ora, chega!

RELLING — Êle andava às voltas com todos os operários e lhes apresentava uma cousa que chamava de — *os direitos do ideal.*

GREGERS — Nesse tempo eu era moço.

RELLING — Tem razão: você era bem moço. E, no meu tempo, os direitos do ideal nunca foram pagos.

GREGERS — Nem mais tarde, tão pouco.

RELLING — Neste caso você teve sem dúvida o bom senso de transigir um pouco, não?

GREGERS — Eu nunca transijo quando tenho de me haver com um homem digno dêsse nome.

HJALMAR — Eu creio que tu tens muita razão. Gina, me dá a manteiga.

RELLING — E um pedaço de toucinho para Molvik.

MOLVIK — Oh! toucinho, não.

(*Batem à porta do sótão*).

HJALMAR — Abre, Hedvig, teu avô quer entrar.

(HEDVIG, *entreabre a porta. O velho* EKDAL *entra trazendo uma pele de coelho recentemente tirada.* HEDVIG *fecha a porta*).

EKDAL — Bom dia, senhores. Boa caça hoje. Matei um grande.

HEDVIG — E tiraste o couro dêle sem me esperar!

EKDAL — E também o salguei. A carne de coelho é boa, é tenra, é macia, até parece açúcar. Bom apetite, senhores. (*Entra no quarto*).

MOLVIK (*erguendo-se*) — Desculpem-me, não posso mais: preciso descer.

RELLING — Toma água de Seltz, meu velho.

MOLVIK — Oh! Oh! (*Sai pela porta de entrada*).

RELLING (*a* HJALMAR) — Tomemos um copo, à saúde do velho caçador.

HJALMAR (*batendo com o copo*) — Sim, à saúde de um sportman à beira do túmulo.

RELLING — À saúde dos seus cabelos brancos. (*Bebe.*) A propósito: os cabelos dêle são grisalhos ou brancos?

HJALMAR — Entre os dois. Aliás, eu creio que não lhe restam muitos no crânio.

RELLING — Uma peruca não é um impecilho para ir para diante. No fundo, Ekdal, tu és um homem feliz. Com êsse magnífico ideal de vida que procuras alcançar...

HJALMAR — E tu sabes que eu trabalho com afinco para isso.

RELLING — E depois, quando se vê tua mulher tão esforçada, meneando os quadrís, deslizando nas suas solas de fêltro, preparando-te tudo, cuidando de tudo o que precisas...

HJALMAR — Sim, Gina. (*Faz-lhe um sinal com a cabeça.*) És uma boa companheira na jornada da vida.

GINA — Querem fazer o favor de deixar de falar em mim?

RELLING — E a tua pequena HEDVIG então, Ekdal?

HJALMAR (*comovido*) — A criança... Sim! A criança acima de tudo. Hedvig, vem cá. (*Acaricia-lhe os cabelos.*) Que dia é amanhã, hein?

HEDVIG (*sacudindo-o*) — Não diz nada, papai.

HJALMAR — Já fico triste à idéia de que haverá tão pouca cousa, nada, a não ser uma pequena festa no sótão.

HEDVIG — Mas, justamente assim é que vai ser bonito!

RELLING — Tem paciência, Hedvig. Espera só que a magnífica descoberta surja à luz do dia.

HJALMAR — Oh! então! Tu vais ver, Hedvig! Tomei a resolução de assegurar o teu futuro. Serás feliz até o fim dos teus dias. Pedirei alguma cousa para ti, — uma cousa ou outra. Será a única recompensa do pobre inventor.

HEDVIG (*põe-lhe os braços à roda do pescoço, e murmura-lhe ao auvido*) — Querido, querido paizinho.

RELLING (*a* GREGERS) — E então! Isto lhe agrada, não é? Não é bom, para variar, estar sentado a uma mesa bem servida, no meio de uma família feliz?

HJALMAR — De fato, dou grande valor a êsses momentos passados à mesa.

GREGERS — Quanto a mim, não gosto de respirar o ar dos pântanos.

RELLING — Dos pântanos?

HJALMAR — Já vais recomeçar!

GINA — Eu lhe juro, senhor Werle, que aquí em casa não há maus ares, porque eu arejo o apartamento todos os dias que Deus dá.

GREGERS (*levantando-se da mesa*) — O mau cheiro a que eu me refiro, vocês nunca o conseguirão expulsar.

HJALMAR — O mau cheiro!

GINA — Sim? O que dizes a isto, Ekdal?

RELLING — Desculpe, mas não será por acaso você quem traz êsse mau cheiro, lá de cima das usinas?

GREGERS — É bem cousa sua, isso de chamar mau cheiro ao que eu trago para esta casa.

RELLING (*indo a êle*) — Ouça, senhor Werle filho, eu suspeito que você ainda conserva, no fundo do bôlso... os direitos do ideal.

GREGERS — É aquí no meu peito que os conservo.

RELLING — Pois, com todos os diabos! Conserve-o aonde quiser. Apenas lhe aconselho não vir fazer as suas cobranças aquí, enquanto eu estiver presente.

GREGERS — E se, apesar de tudo eu as fizer?

RELLING — Nesse caso, você descerá a escada de cabeça para baixo. Sou eu quem lho garante.

HJALMAR — Que é isso, Relling!

GREGERS — Sim, ponham-me para fora.

GINA (*interpondo-se*) — Acabe com isso, Relling. Mas é preciso que eu lhe diga, senhor Werle, que depois de tôdas aquelas porcarias que fez no seu fogão, não compete ao senhor, falar em mau cheiro.

(*Batem à porta de entrada*).

HEDVIG — Mamãe, estão batendo.

HJALMAR — Ora, pílulas! Vai começar a procissão, agora.

GINA — Deixa que eu vejo. (*Vai abrir a porta, detém-se, surpresa, estremece, e se retira violentamente.*) Opa!

(*O senhor* WERLE *entra e dá um passo no quarto. Está com um casaco de peles*).

WERLE — Desculpem-me. Mas creio que o meu filho mora aquí nesta casa.

GINA (*sufocada*) — Sim.

HJALMAR (*aproximando-se de* WERLE) — Queira se dar o incomôdo, senhor Werle...

WERLE — Obrigado, mas eu queria apenas falar com o meu filho.

GREGERS — Que há? Aquí estou.

WERLE — Desejo falar-te no teu quarto.

GREGERS — No meu quarto? Está bem. (*Quer ir para lá*).

GINA — Não. O quarto não está em condições de...

WERLE — Bem, então no patamar. Preciso falar-te a sós.

HJALMAR — Fique à vontade, senhor Werle. Venha ao salão, Relling.

(HJALMAR *e* RELLING *saem pela direita.* GINA *leva* HEDVIG *para a cozinha*).

(*Um silêncio*).

GREGERS — Muito bem! Estamos sozinhos.

WERLE — Ontem à noite deixaste escapar algumas insinuações. E, como vieste instalar-te em casa dos Ekdal, sou tentado a crer que tens algum mau desígnio a meu respeito.

GREGERS — O desígnio que tenho é o de abrir os olhos de Hjalmar Ekdal! É preciso que êle veja a sua situação tal qual ela é!... Eis tudo.

WERLE — É essa a finalidade de existência da qual falavas ontem?

GREGERS — Sim. É a única que me deixaste.

WERLE — Fui então eu que te perturbei o espírito?

GREGERS — Tu me perturbaste a existência. Não se trata de minha mãe. Mas é a ti a quem devo os remorsos que me roem e me perseguem.

WERLE — Ah! É então a conciência que protesta...

GREGERS — Eu devia ter procedido contra ti, quando prepararam aquela armadilha contra o tenente Ekdal. Eu o deveria ter pôsto em guarda, porquanto eu tinha as minhas desconfianças do modo por que aquilo acabaria.

WERLE — Se é assim, efetivamente, devias ter falado.

GREGERS — Não me animei: eu era muito covarde, estava muito intimidado. Tinha um tal mêdo de ti, ainda então, e mais tarde!

WERLE — Pelo que se vê, êsse mêdo passou de todo.

GREGERS — Sim, felizmente passou. O mal que eu e outros fizemos ao velho Ekdal é irreparável. No que diz respeito a Hjalmar, porém, eu o posso salvar da mentira e da dissimulação em que êle está envolvido.

WERLE — Acreditas que isso seja uma boa ação?

GREGERS — É a minha firme convicção.

WERLE — Julgas, talvez, que o fotógrafo Ekdal é homem para te agradecer essa prova de amizade?

GREGERS — Sim, creio.

WERLE — É o que veremos.

GREGERS — E além disso... se devo suportar a vida, é preciso que eu encontre um remédio para a minha conciência doente.

WERLE — Ela jamais se curará. Tens a conciência doente desde a infância. Herdaste isto de tua mãe, Gregers: aliás, é a única herança que ela te deixou.

GREGERS (*esboçando um sorriso de ironia*) — Até agora não pudeste digerir o teu lôgro em relação à fortuna com a qual contavas casar.

WERLE — Não desviemos o assunto. Então estás inteiramente decidido a pôr Hjalmar Ekdal numa pista que crês ser boa e verdadeira?

GREGERS — Sim, estou decidido.

WERLE — Está bem. Nesse caso eu me poderia ter poupado o trabalho de vir te falar. É portanto inútil perguntar-te se queres voltar para minha casa.

GREGERS — É!

WERLE — E também não queres a sociedade?

GREGERS — Não.

WERLE — Está bem. Mas como eu desejo casar-me, quero também dar-te o que te toca.

GREGERS (*com vivacidade*) — Não. Nada quero.

WERLE — Não queres nada?

GREGERS — Minha conciência me proibe aceitar seja o que fôr.

WERLE (*depois de um momento*) — Voltas para a usina?

GREGERS — Não. Considero-me como tendo deixado o teu serviço.

WERLE — Mas nesse caso que pretendes fazer?

GREGERS — Quero alcançar o alvo da minha existência. Nada mais.

WERLE — Bem. Mas... E depois disso? Com que viverás?

GREGERS — Economizei parte dos meus vencimentos.

WERLE — Irás longe com isso!

GREGERS — Creio que isso bastará, enquanto eu viver...

WERLE — Que queres dizer?

GREGERS — Nada.

WERLE — Nesse caso, adeus Gregers.

GREGERS — Adeus.

(WERLE *sai*).

HJALMAR (*entreabrindo a porta*) — Êle se foi?

GREGERS — Sim.

(HJALMAR *e* RELLING *entram, assim como* GINA *e* HEDVIG *que vêm da cozinha*).

RELLING — Aquí está um almôço estragado.

GREGERS — Vai te vestir, Hjalmar. Vamos dar um longo passeio.

HJALMAR — Com muito prazer. Mas que queria teu pai contigo? Tratava-se de mim?

GREGERS — Não importa. Vem. Precisamos conversar. Vou pôr o casaco. (*Sai pela porta do patamar*).

GINA — Não devias ir com êle, Ekdal.

RELLING — Não, não vás. Fica aquí.

HJALMAR (*tomando o chapéu e o casaco*) — Como! Quando um amigo de infância sente a necessidade de se confiar a mim!

RELLING — Mas, que diabo!... Não estás vendo que êsse indivíduo está desorientado, louco?

GINA — Pois aí está! A mãe dêle também tinha crises que lhe perturbavam o espírito de quando em quando.

HJALMAR — Por isso mesmo, êle precisa, seriamente, da atenção vigilante de um amigo. Antes que me esqueça: que o jantar esteja pronto à hora marcada. Até logo. (*Sai pela porta do saguão*).

RELLING — Foi uma pena que um dos poços de mina de Heydal não tivesse levado êsse homem para o inferno!

GINA — Jesus! Não diga... Por que uma cousa dessas?

RELLING (*entredentes*) — Oh! Por nada. É cá uma idéia minha.

GINA — Você acredita que o senhor Werle filho esteja completamente louco?

RELLING — Infelizmente não. Não está mais louco do que a maioria dos mortais. Mas o que é certo, é que êle tem uma doença no corpo.

GINA — Mas afinal, que é que lhe falta?

Relling — Eu lhe digo, Sra. Ekdal: êle está atacado de febre de justiça aguda.

Gina — Uma febre de justiça aguda?

Hedvig — Isso é doença?

Relling — Sim, uma doença nacional, mas que só aparece em estado esporádico. (*Com um gesto de cabeça para* Gina.) Até a vista. (*Sai pela porta do saguão*).

Gina (*inquieta, a vagar pelo quarto*) — Ah! Êsse Gregers Werle!... Foi sempre uma ave agoirenta...

Hedvig (*olhando-a atentamente, de pé, junto à mesa*) — E tudo isso me parece tão estranho...

Pano

QUARTO ATO

O atelier de HJALMAR EKDAL. *Estiveram fotografando. No meio da sala vê-se uma máquina coberta com um pano escuro, uma tripeça, uma ou duas cadeiras, um aparador, etc. O atelier está iluminado pelos últimos raios do sol poente. Um pouco mais tarde cai o crepúsculo.*

GINA *está na porta de entrada, aberta, e fala com alguém que está do lado de fora. Tem na mão um estôjo de placas e uma placa molhada).*

GINA — Sim, pode ficar descansada. Quando eu prometo uma cousa não falto. A primeira dúzia estará pronta segunda-feira! Boa tarde, boa tarde!

(*Ouvem-se passos que descem pela escada.* GINA *fecha a porta, põe a placa no estôjo, e coloca-a no aparelho*).

HEDVIG (*vindo da cozinha*) — Êles já foram?

GINA (*arrumando*) — Sim, graças a Deus. Afinal fiquei livre.

HEDVIG — Não achas esquisito que o papai não tenha voltado ainda?

GINA — Tens certeza de que êle não está no quarto de Relling?

HEDVIG — Não, lá êle não está. Ainda há pouco eu descí para ver, pela escada de serviço.

GINA — O pior é que o jantar dêle vai ficar frio.

HEDVIG — Pois é, veja só. Papai que sempre volta na hora certa do jantar!...

GINA — Êle não vai demorar, tu vais ver.

HEDVIG — Oh! Se êle pudesse vir de uma vez! Estou achando tudo tão esquisito...

GINA (*com um grito*) — Aquí está êle.

(HJALMAR *entra pela porta do saguão*).

HEDVIG (*correndo para êle*) — Papai! Como nós te esperamos. Se tu soubesses!

GINA (*olhando-o*) — Demoraste tanto tempo fora, Ekdal...

HJALMAR (*sem olhá-la*) — Demorei um pouco, sim.

(*Tira o casaco,* GINA *e* HEDVIG *querem ajudá-lo. Êle as afasta*).

GINA — Jantaste com Werle?

HJALMAR (*pendurando o casaco*) — Não.

GINA (*dirigindo-se para a cozinha* — Neste caso, vou te servir o jantar.

HJALMAR — Não, deixe isso. Não comerei agora.

HEDVIG (*aproximando-se*) — Não estás te sentindo bem, papai?

HJALMAR — Bem? Não, não estou muito mal. Demos um passeio cansador, Gregers e eu.

GINA — Tu não devias ter ido com êle, Hjalmar: não estás acostumado.

HJALMAR — Hum. Há neste mundo muita cousa a que um homem se deve habituar. (*Caminha um momento pelo quarto de um lado para o outro.*) Não veio ninguém durante a minha ausência?

GINA — Só vieram aqueles dois namorados.

HJALMAR — Não houve novas encomendas?

GINA — Hoje, não.

HEDVIG — Tu vais ver, papai, que amanhã vai haver.

HJALMAR — Seria uma sorte. Amanhã pretendo pôr-me, seriamente, a trabalhar.

HEDVIG — Amanhã! Mas tu estás te esquecendo que dia é amanhã.

HJALMAR — Ah! é verdade... Pois bem: depois de amanhã. De agora em diante eu quero fazer tudo, eu mesmo. Quero suportar todo o pêso do trabalho.

GINA — Ora vamos, Ekdal, para que te serviria isso? Para te envenenar a vida e nada mais. Para fotografia, basto eu. E tu... tu continuarás a trabalhar na descoberta.

HEDVIG — E o pato selvagem, e os coelhos, e as...

HJALMAR — Não me fales nessas bobagens! A começar de amanhã não ponho mais os pés no sótão.

HEDVIG — Mas, papai, tu me prometeste que amanhã ia haver festa.

HJALMAR — É verdade. Pois bem! Será a partir de depois de amanhã. Êsse maldito pato!... Tenho vontade de lhe torcer o pescoço.

HEDVIG (*dando um grito*) — Do pato selvagem!

GINA — Já se viu semelhante cousa!

HEDVIG (*sacudindo-o*) — Ora essa, papai, é o meu pato.

Hjalmar — É exatamente por isso que me abstenho. Não me animo a estrangulá-lo. Não me animo, por tua causa, Hedvig. Mas sinto, perfeitamente, que eu devia proceder de outra forma. Eu não deveria tolerar sob o meu teto um ser qualquer vindo daquelas mãos.

Gina — Mas tu sabes bem que foi aquele idiota de Petersen que deu o pato ao avô.

Hjalmar (*medindo a sala a passos*) — Há certos direitos... Como os chamarei? Certos direitos que chamarei *os direitos do ideal*... Há certas obrigações às quais um homem não pode fugir sem diminuir a própria alma.

Hedvig (*caminhando atrás dêle*) — Mas pensa, papai, o pato, o pobre pato selvagem...

Hjalmar (*parando de repente*) — Se já te disse que eu o poupo por tua causa!... Não cairá uma pena de...; vamos, repito: êle será poupado. Haverá deveres a cumprir maiores ainda do que êsses. Mas é tempo de saíres um pouco, Hedvig, como é teu hábito. Já está entardecendo e isso é o que te faz bem.

Hedvig — Não, nem me lembro de sair agora.

Hjalmar — Mas é preciso sair: parece-me que estás piscando. Êste ambiente fechado, bem sabes, faz-te mal. Há, sob êste teto, uma atmosfera densa.

Hedvig — Bom, bom, eu desço pela escada de serviço e daquí a pouco já subo. Minha capa, meu chapéu? Estão no meu quarto. Escuta, papai: tu não farás mal ao pato, enquanto eu estiver lá fora, sim?

Hjalmar — Não cairá uma só pena da cabeça dêle. (*Apertando-a contra o coração.*) Tu e eu Hedvig, nós dois!... Vamos, vai-te.

(Hedvig *faz um pequeno sinal com a cabeça aos pais e sai pela cozinha*).

Hjalmar (*caminhando sem erguer os olhos*) — Gina!

Gina — Que queres?

Hjalmar — A começar de amanhã, ou melhor, de depois de amanhã, eu quero eu mesmo levar as contas da casa.

Gina — Como, tu queres agora levar também as contas?

Hjalmar — Ou, pelo menos, quero verificar as entradas.

Gina — Ah! Deus do céu! É uma conta que se faz num instante.

Hjalmar — Pois olha: não creio. Parece-me que o dinheiro dura muito tempo nas tuas mãos. (*Olhando-a.*) Como é isso?

Gina — Hedvig e eu, precisamos de tão pouco...

HJALMAR — É verdade que o pai seja tão generosamente remunerado pelas cópias que faz em casa do senhor Werle?

GINA — Eu não sei se pagam êle tanto assim. Não conheço o preço dessas cousas.

HJALMAR — Vejamos: quanto recebe êle pouco mais ou menos?

GINA — Varia tanto... Êle recebe mais ou menos o que nós gastamos com êle, e além disso um pouco de dinheiro que êle guarda.

HJALMAR — O que gastamos com êle! E tu não me disseste nada antes!

GINA — Eu não podia te dizer isso. Tu tinhas um prazer tão grande em acreditar que eras tu que sustentavas êle.

HJALMAR — E quem o sustenta é o senhor Werle.

GINA — Oh! O senhor Werle tem bastante com que.

HJALMAR — Queres acender a lâmpada?

GINA (*acendendo*) — E, além disso, nós não podemos saber se é o senhor Werle. Talvez seja Graberg.

HJALMAR — Graberg? Por que essa escapatória?

GINA — Enfim, não sei, eu pensei...

HJALMAR — Não sabes, não é?

GINA — Lembra-te de que não fui eu que arranjei êsse trabalho para o avô. Foi Berta, quando ela entrou para a casa.

HJALMAR — Parece-me que a tua voz está trêmula.

GINA (*pondo a pantalha*) — Minha voz?

HJALMAR — Tuas mãos também estão tremendo. Não estou enganado.

GINA (*resolutamente*) — Fala logo, francamente, Ekdal: o que foi, afinal, que êle te disse de mim?

HJALMAR — É verdade, é possível, que tivesse havido alguma cousa entre ti e Werle na época em que servias na casa?

GINA — Não é verdade. Não foi dessa vez. Que o sr. Werle me procurava, isso é verdade. E Mme. acreditou numa porção de cousas. Ela então fez uma barafunda tremenda, — uma algazarra dos demônios. Me puxou os cabelos, me deu pancada, e aí está. Depois disso tive de sair.

HJALMAR — Foi então depois?

GINA — Sim. Eu então voltei lá para casa, como tu sabes. A mãe não estava tão bem como tu pensavas, Ekdal: ela me contou isto e mais aquilo... Nessa época o sr. Werle já estava viúvo, compreendes?

HJALMAR — E então? Vejamos...

GINA — Enfim, é melhor que tu saibas, êle não sossegou enquanto não conseguiu tudo o que queria.

HJALMAR (*juntando as mãos*) — E é essa a mãe da minha filha! Como me pudeste esconder uma cousa dessas?

GINA — Sim, não foi direito da minha parte. Eu devia te ter contado isso faz muito tempo.

HJALMAR — Deverias me ter dito logo. Pelo menos eu ficava sabendo quem eras.

GINA — Tu te terias casado comigo assim mesmo?

HJALMAR — Como podes supor isso!?

GINA — Aí está por que não me animei a dizer nada. Eu tinha tanto amor por ti, tu bem sabes. E além disso eu não podia fazer a minha própria desgraça.

HJALMAR (*caminhando pelo quarto*) — E é essa a mãe da minha pequena Hedvig! E saber que tudo o que me cerca... (*Dá um pontapé numa cadeira.*) Todo o meu lar, eu o devo a êsse homem!... Oh! que belo sedutor êsse sr. Werle!

GINA — Estás arrependido dos quatorze ou quinze anos que vivemos juntos?

HJALMAR (*pondo-se em frente a ela*) — Dize-me, não gemeste todos os dias, todos os minutos, sôbre essa trama de mentiras que teceste em tôrno a mim, como uma aranha? Responde-me! Não viveste sempre torturada de remorsos e de angústias?

GINA — Ah! meu querido Ekdal... Francamente: eu tive bastante que fazer só de pensar na casa e na vida de todos os dias.

HJALMAR — E tu não lanças um olhar para trás, para as faltas do teu passado?

GINA — Não. Eu tinha quase que esquecido essas velhas histórias.

HJALMAR — Oh! Esta insensibilidade, esta calma de animal! Há nisso qualquer cousa que me indigna. Nem sequer remorso!

GINA — Me diz uma cousa, Ekdal: que pensas tu que teria sido de ti se não tivesses achado uma mulher como eu?

HJALMAR — Uma!...

GINA — Sim, porque eu sempre fui, como quem diz, a mais desempenada dos dois. É verdade também que eu tenho um par de anos mais do que tu.

HJALMAR — O que teria sido de mim!?

GINA — É que tu te metias por quanto mau caminho havia no tempo em que me encontraste. Não podes negar isso.

HJALMAR — Chamas a isso de maus caminhos! Oh! Tu não sabes o que se passa no coração de um homem entregue à tristeza e ao desespêro. E sobretudo num homem de temperamento de fogo como eu!

GINA — Está direito, está bem, não digo que não. Não vou remexer nisso tudo agora. Tu te tornaste um homem tão bom assim que tiveste uma casa e família. Era tão agradável e tão sossegado em casa agora. E, além disso, eu e Hedvig íamos poder dentro de pouco tempo nos comprar uns vestidos e umas cousas boas...

HJALMAR — Chafurdadas na mentira, sim!

GINA — Oh! e logo agora havia êsse horrível sujeito de meter o nariz aquí!

HJALMAR — Eu também me sentia bem no meu lar... E não era mais do que uma ilusão... De onde me virá agora a fôrça de que preciso para trazer a minha descoberta para o terreno das realidades? Ela morrerá talvez comigo, e nesse caso, Gina, será o teu passado quem a terá morto.

GINA (*prestes a chorar*) — Como podes falar assim, Ekdal... Eu que tôda a minha vida só quis o teu bem!

HJALMAR — Sim, eu pergunto: que será feito agora dos sonhos concebidos pelo pai de família? Quando eu estava alí, deitado no sofá, pensando na descoberta, eu bem que tinha o pressentimento de que ela absorveria as minhas últimas fôrças. Eu sentia que o dia em que a patente de invenção me fôsse entregue, êsse dia seria também o da despedida. E o meu sonho era que tu vivesses depois de mim, na abastança, que se honrasse em ti a viúva do inventor falecido.

GINA (*enxugando as lágrimas*) — Não fala assim, Ekdal. Que Deus me preserve de viver, no dia em que eu ficar viúva!

HJALMAR — Oh! Pouco importa! Pois que tudo agora está acabado. Tudo!

(GREGERS WERLE *abre a porta prudentemente e olha*).

GREGERS — Posso entrar?

HJALMAR — Sim, entra.

GREGERS (*adianta-se, com a fisionomia risonha, estendendo-lhes as mãos*) — E então! Meus queridos amigos! (*Olha-os, um após outro, depois sussurra a* HJALMAR.) Ainda não está feito?

HJALMAR (*com voz sombria*) — Está feito!

GREGERS — Está feito?

HJALMAR — Viví a hora mais amarga da minha vida.

GREGERS — Mas também a mais pura, não é?

HJALMAR — Enfim por agora está acabado.

GINA — Que Deus lhe perdôe, sr. Werle.

GREGERS (*com um profundo assombro*) — Não compreendo isso.

HJALMAR — O que é que não compreendes?

GREGERS — Essa grande liquidação devia servir de ponto de partida para uma nova existência, para uma vida, para uma comunhão baseada na verdade, libertada totalmente da mentira.

HJALMAR — Eu sei, eu sei perfeitamente.

GREGERS — Eu estava tão intimamente persuadido de que à minha entrada uma luz de transfiguração iluminando o espôso e a espôsa me deslumbraria! E eis que, diante de mim tudo está taciturno, sombrio, triste.

GINA — Bem, bem. (*Tira a pantalha da lâmpada*).

GREGERS — A senhora não me quer compreender, Sra. Ekdal. Mas tu, Hjalmar? Esta grande liquidação deveria ter-te iniciado em pontos de vista mais elevados.

HJALMAR — Sim, naturalmente... Isto é, até certo ponto.

GREGERS — Porque nada no mundo pode ser comparado à alegria de perdoar à pecadora e de a elevar até a si próprio pelo amor.

HJALMAR — Crês que um homem possa digerir tão facilmente o cálice amargo que acabo de engolir?

GREGERS — Um homem comum, não. Mas um homem como tu!

HJALMAR — Meu Deus! Sim, eu sei. Mas tu me deves estimular, Gregers. É preciso tempo, não vês?

GREGERS — Há em ti, Hjalmar, muito do pato selvagem.

(RELLING *entrou pela porta do saguão*).

RELLING — Bem, temos aquí outra vez o pato selvagem, em cena.

HJALMAR — Sim, a ave ferida na asa, o troféu de caça do sr. Werle.

RELLING — Do senhor Werle? É dêle que estão falando?

HJALMAR — Dêle e de outros.

RELLING (*a meia voz, a* GREGERS) — Que o diabo o leve!

HJALMAR — Que disseste?

RELLING — Desejo com tôda a alma de que o charlatão volte para a casa dêle. Se êle ficar aquí, é capaz de os destruir aos dois.

GREGERS — Sr. Relling, está vendo na sua frente pessoas que não temem a destruição. Por enquanto não falemos de Hjalmar. Mas no fundo do coração dela, há também, tenho certeza, qualquer cousa de ideal e de honesto.

GINA (*prestes a chorar*) — O sr. devia então ter-me deixado passar pelo que eu sou.

RELLING — Seria indiscrição perguntar-lhe, com franqueza, o que veio fazer aquí?

GREGERS — Quero fundar uma verdadeira união conjugal.

RELLING — Acha então que a união de Ekdal não é como deve ser?

GREGERS — Ela vale tanto quanto muitas outras, infelizmente. Mas quanto a ser uma verdadeira união conjugal, não, ela não o é ainda.

HJALMAR — Tu nunca pensaste nos direitos do ideal, Relling?

RELLING — Idiotices, meu rapaz! Mas desculpe-me, senhor, se lhe pergunto: quantas verdadeiras uniões conjugais viu na sua vida? Vejamos, diga, em números redondos.

GREGERS — Na verdade não creio ter visto uma única.

RELLING — Nem eu tão pouco.

GREGERS — Vi, porém, uma infinidade do gênero oposto. E tive ocasião de ver de perto os estragos que uma tal união pode fazer num casal humano.

HJALMAR — Todo o alicerce moral de um homem pode esboroar-se sob os seus pés... Eis o que é horrível!

RELLING — Com franqueza, como, propriamente falando, eu nunca fui casado, me é impossível dar opinião a respeito. Mas o que eu sei é que a união conjugal compreende também a criança. E, quanto à criança, vocês a devem deixar em paz.

HJALMAR — Hedvig, minha pobre Hedvig!

RELLING — Sim, vocês terão a bondade de não meter Hedvig nessa mixórdia. Vocês dois estão maduros: vocês podem esquadrinhar e chafurdar nos negócios de vocês, se é que isso lhes agrada. Quanto à Hedvig, porém, é preciso tomar cuidado. Do contrário, vocês podem atrair uma desgraça sôbre a cabeça dela.

HJALMAR — Uma desgraça!

RELLING — Sim. Ou então ela poderá atraí-la sôbre si mesma, e talvez sôbre outros.

GINA — Mas como é que você pode saber isso, Relling?

HJALMAR — Há perigo iminente para os olhos dela?

RELLING — Não se trata dos olhos dela. Mas Hedvig atingiu a idade crítica. Ela é susceptível de tôdas as más inspirações.

GINA — Mas é mesmo! Pois vejam só: faz algum tempo que ela adquiriu um modo feio de brincar com o fogo na cozinha. Ela chama isso de atear um incêndio. Eu, às vezes, tenho mêdo de que ela ponha fogo na casa.

RELLING — Já vêem... Bem que eu tinha as minhas desconfianças.

HJALMAR — Enquanto a criança tem um pai... Enquanto eu tiver vida.

(*Batem à porta de entrada*).

GINA — Ekdal, há alguém aí no patamar. (*Erguendo a voz.*) Entre!

(*A* SENHORA SOERBY *entra de capa*).

SENHORA SOERBY — Boa tarde.

GINA (*indo ao seu encontro*) — Como! És tu Berta?

SENHORA SOERBY — Sim, sou eu. Mas talvez chegue em momento inoportuno?

HJALMAR — De modo nenhum. Um mensageiro vindo dessa casa...

SENHORA SOERBY (*a* GINA) — Para ser franca, eu não esperava encontrar êsses senhores, dada a hora... E então subí para conversar um pouco contigo e dizer-te adeus.

GINA — Que dizes! Te vais?

SENHORA SOERBY — Sim, amanhã bem de madrugada, para Heydal. O sr. Werle partiu esta tarde. (*Atirando um olhar para o lado de* GREGERS.) Recomendações da parte dêle.

GINA — Bem, bem!

HJALMAR — Ah! O sr. Werle partiu? E a senhora o vai seguir?

SENHORA SOERBY — Sim! Que acha, Ekdal?

HJALMAR — Tome cuidado! Eis o que lhe digo.

GREGERS — Vou te explicar a cousa: meu pai vai casar com a Senhora Soerby.

HJALMAR — Vai casar com ela?

GINA — É verdade, Berta, que isso afinal vai se realizar?

RELLING (*com gravidade, e um leve tremor na voz*) — Isso não pode ser verdade, não é?

SENHORA SOERBY — É, meu caro Relling, é bem verdade.

RELLING — Você quer se casar mais uma vez?

SENHORA SOERBY — Sim, isso já está sendo feito; Werle tem os papéis e nós festejaremos o casamento lá em cima, nas usinas.

GREGERS — Como enteado que conhece o seu dever só me resta fazer votos para que tenham tôdas as felicidades possíveis.

SENHORA SOERBY — Se essas palavras vêm do coração, obrigada. Tenho esperanças de que será uma felicidade para Werle e para mim.

RELLING — Pode ter certeza disso. O sr. Werle nunca se embriaga, que eu saiba. E, com certeza, não tem o hábito de sovar a mulher como costumava fazer o falecido veterinário.

SENHORA SOERBY — Deixe o pobre Soerby repousar em paz. Êle também tinha os seus lados bons.

RELLING — Quero crer que o sr. Werle os tenha melhores.

SENHORA SOERBY — Em todo o caso êle não perdeu o que havia de bom nele. Aqueles a quem isso acontece suportam sempre as consequências.

Relling — Esta noite vou acompanhar Molvik.

Senhora Soerby — Não, Relling, não faça isto. Sou eu que lhe peço.

Relling — É tudo que me resta a fazer. (*A* Hjalmar.) Se quiseres vem conosco.

Gina — Muito obrigada, mas Ekdal não vai nessa espécie de lugares.

Hjalmar (*a meia voz, furioso*) — Vê se te calas.

Relling — Adeus, Sra. Werle. (*Sai*).

Gregers (*a Sra.* Soerby) — Pelo que vejo conhecem-se de perto, o dr. Relling e a senhora?

Senhora Soerby — Sim, nós nos conhecemos já de há muitos anos. Houve tempo em que isso bem podia nos ter conduzido a outras cousas.

Gregers — É realmente uma felicidade para a senhora que tal não se tenha dado.

Senhora Soerby — Tem razão. Aliás eu sempre tomei cuidado em não obedecer a meus impulsos. Porque, afinal, uma mulher não se deve sacrificar inteiramente.

Gregers — E a senhora não receia que eu transmita a meu pai uma palavra a respeito dessas relações?

Senhora Soerby — Já devia imaginar que eu mesma lhe falei nelas.

Gregers — Realmente?

Senhora Soerby — Seu pai conhece, até o menor detalhe, tudo quanto lhe poderiam dizer de verdade a meu respeito: eu mesma lhe disse tudo. Foi a primeira cousa que fiz, assim que êle me deixou perceber as suas intenções.

Gregers — Nesse caso, a senhora é de uma franqueza que não se encontra com frequência.

Senhora Soerby — Sempre fui franca. Ainda é isso o que nos dá melhores resultados, a nós mulheres.

Hjalmar — Que dizes a isso, Gina?

Gina — Oh! as mulheres são tão diferentes! Uma faz de um jeito, a outra de outro.

Senhora Soerby — Quanto a isso, Gina, o que há de mais seguro é fazer como eu fiz. Hoje tenho certeza disso. Werle também nada me escondeu do que lhe diz respeito. Foi mesmo isso o que nos ligou mais solidamente um ao outro. Agora, êle pode passar o tempo sentado junto de mim, conversando sôbre tudo, com uma franqueza de criança. Isso foi uma cousa que sempre lhe faltou. Um homem cheio de fôrça e de saúde como êle, condenado a passar a mocidade e os melhores anos da vida a ouvir recriminações, e, muitas vêzes, pelo que estive sabendo, recriminações que se referiam a faltas imaginárias.

GINA — É bem verdade o que ela está dizendo.

GREGERS — Se essas senhoras querem abordar êsse assunto, é melhor que eu me vá.

SENHORA SOERBY — Oh! não! Pode ficar. Nada mais direi. Mas fiz questão que soubesse que nunca fiz uso de mentiras, nem de subterfúgios. Julgam, talvez, que estou tendo uma sorte grande... e até certo ponto é verdade. Entretanto, parece-me que não recebo mais do que dou. Nunca o abandonarei, é certo. E lhe posso ser mais útil, mais necessária, do que quem quer que seja, quando êle não puder mais agir por si, o que acontecerá breve.

HJALMAR — Não poderá mais agir por si?

GREGERS (*a Sra.* SOERBY) — Está bem, está bem. Não fale nisso.

SENHORA SOERBY — Não é possível esconder por mais tempo, embora êle o deseje: Werle está em vésperas de perder a vista.

HJALMAR (*estremecendo*) — Em vésperas de perder a vista? É singular... Cego, êle também?

GINA — Há tanta gente que fica cega.

SENHORA SOERBY — Pode-se imaginar o que será isso para um homem que tem tão grandes energias. Enfim! Procurarei auxiliá-lo com os meus olhos tanto quanto puder. Mas tenho de ir-me: resta-me muita cousa que fazer ainda. Ah! sim! Eu tinha a lhe dizer, Ekdal, que se houver qualquer cousa em que o sr. Werle lhe possa ser útil, basta você se dirigir a Graberg.

GREGERS — Hjalmar Ekdal, certamente, se absterá de fazer uso dessa oferta.

SENHORA SOERBY — Realmente? Que eu saiba até agora...

GINA — Não, Berta, Hjalmar não tem mais necessidade de receber seja o que fôr do sr. Werle.

HJALMAR (*lentamente, acentuando as palavras*) — Apresente as minhas saudações ao seu futuro marido, e diga-lhe que pretendo muito proximamente procurar o seu caixeiro Graberg...

GREGERS — Como! Tu queres...

HJALMAR — Procurarei Graberg, repito, para pedir-lhe a conta do que devo ao seu patrão. Quero pagar essa dívida de honra... Ah, ah, ah! Uma dívida de honra, isso! Mas não falemos mais no assunto. Em resumo: quero pagar tudo, com cinco por cento de juros.

GINA — Santo Deus! Meu querido Ekdal, de onde queres que tiremos tanto dinheiro?

HJALMAR — Queira dizer ao seu noivo que trabalharei sem descanso na minha invenção. Queira dizer-lhe que o que sustenta o meu espírito neste trabalho forçado é o desejo de me liberar de uma obrigação que me pesa. É mesmo êsse o móvel da invenção. Todo o lucro será empregado em saldar os adiantamentos feitos pelo seu futuro espôso.

SENHORA SOERBY — Alguma cousa aconteceu aquí nesta casa.

HJALMAR — Sim, aconteceu alguma cousa.

SENHORA SOERBY — Então! adeus. Preciso falar ainda contigo Gina. Mas fica para outra ocasião. Adeus.

(HJALMAR *e* GREGERS *saúdam-na. Gina acompanha-a até a porta*).

HJALMAR — Gina, não vá além do umbral.

(*A* SENHORA SOERBY *sai.* GINA *fecha a porta*).

HJALMAR — Muito bem, Gregers, eis-me livre desta dívida que me pesava sôbre a conciência.

GREGERS — Ou, pelo menos, em breve estarás.

HJALMAR — Creio que a minha atitude foi correta.

GREGERS — És o homem que eu sempre julguei.

HJALMAR — Existem casos em que a gente não pode fugir às exigências do ideal. Pai de família, terei de gemer e de labutar nesta tarefa. Não é uma brincadeira, como deves compreender, para um homem sem fortuna, se desembaraçar de um dívida enterrada, por assim dizer, sob a poeira do olvido. Não importa! Em mim, o homem reclama também os seus direitos.

GREGERS (*pondo-lhe a mão no ombro*) — Não foi uma sorte, meu caro Hjalmar, eu ter vindo?

HJALMAR — Sim.

GREGERS — Não é uma felicidade... que se tivesse feito luz sôbre tôdas essas relações?

HJALMAR (*com um pouco de impaciência*) — Não digo que não. Mas há uma cousa que revolta o meu sentimento de equidade.

GREGERS — Que é?

HJALMAR — É que... Oh! meu Deus! Não sei se me posso referir tão livremente a respeito do teu pai.

GREGERS — Não te preocupes comigo.

HJALMAR — Está bem. É que... eu te direi: há qualquer cousa de revoltante, a meu ver, em que seja êle e não eu que contraia, neste momento, uma verdadeira união conjugal.

GREGERS — Ora, meu caro, como podes dizer uma cousa dessas.

HJALMAR — Mas é assim. Teu pai e a Senhora Soerby vão fazer um pacto conjugal baseado numa completa franqueza de parte a parte. Não há cousas escondidas entre êles, nenhuma mentira por trás das suas relações: êles se concederam, reciprocamente, indulgências plenárias, para todos os seus pecados.

GREGERS — Pois sim, e depois?

HJALMAR — Como essas cousas se encadeiam! Sôbre a reunião de tôdas as misérias que testemunhaste aquí, foi fundada essa verdadeira união conjugal.

GREGERS — Mas a situação é completamente diferente. Tu não vais querer estabelecer comparação entre ela e tu e aqueles dois...? Vamos, tu me entendes, não?

HJALMAR — Não posso impedir que haja aí uma cousa que fere os meus sentimentos de equidade. É como se não houvesse justiça alguma governando o mundo.

GINA — Ora, Ekdal! Tu não devias falar assim.

GREGERS — Não abordemos êste assunto.

HJALMAR — É verdade que, por outro lado, parece-me sentir a mão justiceira. Êle vai mesmo ficar cego?

GINA — Oh! Talvez não seja bem certo.

HJALMAR — É indubitável. Em todo o caso não nos compete a nós duvidar, por que a expiação está aí: êle cegou, outrora, um ser confiante.

GREGERS — Infelizmente, êle cegou muitos outros.

HJALMAR — E eis que um destino misterioso, inexorável, por sua vez, lhe fura os olhos.

GINA — Oh! Como é possível que não tenhas receio de dizer uma maldade dessas? Eu chego até a ter mêdo de ti.

HJALMAR — É bom mergulharmos, de vez em quando, no lado tenebroso da existência.

(HEDVIG, *com a capa e o chapéu, entra alegre e esbaforida pela porta do saguão*).

GINA — Já estás de volta?

HEDVIG — Eu não tinha vontade de ir mais longe. E assim foi melhor porque, quando eu voltava, encontrei uma pessoa.

HJALMAR — Sem dúvida aquela senhora Soerby?

HEDVIG — Sim.

HJALMAR (*caminhando pelo quarto*) — Espero que seja a última vez que a vejas.

(*Um silêncio.* HEDVIG *passeia o olhar inquieto de um para outro, como que para adivinhar o que se passa*).

HEDVIG (*carinhosa, se aproxima*) — Papai.

HJALMAR — Bem... que é que há Hedvig?

HEDVIG — A Sra. Soerby me trouxe uma cousa.

HJALMAR (*detendo-se*) — Para ti?

HEDVIG — Sim, para amanhã.

GINA — Tu sempre recebes um presente de Berta nesse dia.

HJALMAR — O que é?

HEDVIG — Não, tu não deves vê-lo agora. Mamãe mo entregará, amanhã de manhã, na cama.

HJALMAR — Oh! sempre a me esconderem alguma cousa.

HEDVIG (*com precipitação*) — Espera, tu podes ver: é uma carta grande. (*Tira uma carta do bôlso*).

HJALMAR — Uma carta?

HEDVIG — Sim, é só uma carta. Eu creio que o resto vem depois. Estão vendo? Uma carta! É a primeira vez que recebo uma. E além disso tem "Senhorita" em cima. — (*Lê.*) "Senhorita Hedvig Ekdal". Imagina só!... Sou eu.

HJALMAR — Dá-me essa carta.

HEDVIG (*entregando-lha*) — Toma, olha.

HJALMAR — É a letra do senhor Werle.

GINA — Tem certeza, Ekdal?

HJALMAR — Vê tu mesma.

GINA — Ó, eu não entendo dessas cousas.

HJALMAR — Hedvig, eu posso abrir esta carta e lê-la?

HEDVIG — Se isto te dá gôsto, papai, pode.

GINA — Hoje não, Ekdal, pois é para amanhã.

HEDVIG (*em voz baixa*) — Oh! Deixa êle ler. Com certeza é alguma cousa boa. Isso vai deixar êle alegre e em seguida isto aquí vai ficar mais divertido.

HJALMAR — Então posso abrir?

HEDVIG — Sim, pai, faz favor. Vai ser tão bom de ver o que tem aí dentro.

HJALMAR (*abre a carta, tira um papel, lê e parece ficar perturbado*) — Que significa isso?

GINA — Que é que há?

HEDVIG — Que é, papai, que é que há?

HJALMAR — Fica quieta. (*Torna a reler mais uma vez, empalidece, mas diz com voz calma.*) É uma doação, Hedvig.

HEDVIG — Sim? E o que é que me dão?

HJALMAR — Lê tu mesma.

(HEDVIG *aproxima-se da lâmpada para ler*).

HJALMAR (*a meia-voz, com os punhos fechados*) — Êsses olhos, êsses olhos! E além disso esta carta!

HEDVIG (*interrompendo-se*) — Parece que tudo isto é para o vovô.

HJALMAR (*tomando-lhe a carta das mãos*) — Ouve, Gina, tu compreendes alguma cousa disso?

GINA — Mas se eu não sei de nada. O que é?

HJALMAR — O sr. Werle escreve à Hedvig dizendo-lhe que o avô não tem mais necessidade de se cansar fazendo cópias, que lhe basta ir aos escritórios para receber cem coroas por mês.

GREGERS — Como? Como?

HEDVIG — Cem coroas, mamãe! Eu vi bem que tinha isso.

GINA — Que sorte para o avô.

HJALMAR — Cem coroas, tanto tempo quanto precise, o que bem entendido quer dizer: enquanto viva.

GINA — Pobre avô. Êle assim vai ficar bem.

HJALMAR — E o resto, não lêste o resto, Hedvig? Depois disso essa doação passará para ti.

HEDVIG — Para mim? Isso tudo?

HJALMAR — Tens o usufruto dessa quantia durante tôda a tua vida.

HEDVIG — Imagina só!... Todo êsse dinheiro que me dão. (*Ela o sacode.*) Papai, papai! Não estás contente?

HJALMAR (*evitando-lhe o contacto*) — Contente? Oh! que visão, que perspectiva se desenrola ante os meus olhos! É a Hedvig, sim, é bem a ela a quem êle dota tão ricamente.

GINA — É o dia dos anos dela...

HEDVIG — Mas tu terás tudo isso, papai. Tu compreendes, perfeitamente, que eu te darei todo êsse dinheiro... e à mamãe. Será para todos nós.

HJALMAR — Para mamãe, sim! Aí está a questão!

GREGERS — Hjalmar, isso é uma armadilha que te prepararam.

HJALMAR — Achas que é uma nova armadilha?

GREGERS — Quando êle veio hoje de manhã êle me disse: Hjalmar Ekdal não é o homem que julgas.

HJALMAR — Não é o homem que...

GREGERS — Tu o verás bem, acrescentou êle.

HJALMAR — Queria dizer que irias ver que me desarmariam com dinheiro, não é?

HEDVIG — Mas mamãe, o que é que há?

GINA — Vai, minha filha, vai tirar a tua capa.

(HEDVIG *a ponto de chorar, sai pela porta da cozinha*).

HJALMAR (*lentamente rasga o papel em dois pedaços e coloca os pedaços sôbre a mesa*) — Eis a minha resposta.

GREGERS — Era o que eu esperava.

HJALMAR (*dirige-se para* GINA *junto à lareira e diz-lhe em voz contida*) — E agora, nada de mentiras. Se tivesses rompido inteiramente com êle quando começaste a me amar, como dizes, por que motivo forneceu êle os meios para nos casarmos?

GINA — Eu suponho que êle pensava que poderia vir aquí em casa.

HJALMAR — É tudo? Não temia êle certa eventualidade?

GINA — Eu não sei o que é que tu queres dizer.

HJALMAR — Quero saber se a tua filha tem o direito de viver na minha casa?

GINA (*tomando uma atitude altiva, um olhar flamejante*) — Tu me perguntas isso?

HJALMAR — Vais responder-me: Hedvig é minha filha, ou...? Vamos!

GINA (*desafiando-o friamente, com o olhar*) — Não sei.

HJALMAR (*estremecendo*) — Não sabes!

GINA — Como queres que eu saiba? Uma mulher como eu...

HJALMAR (*tranquilamente, dando-lhe as costas*) — Nesse caso, nada mais tenho a fazer nesta casa.

GREGERS — Reflete, Hjalmar.

HJALMAR (*vestindo o casaco*) — Para um homem como eu não há por que refletir.

GREGERS — Pelo contrário, há aí um abismo de reflexões. Para começar, é preciso que vocês três fiquem juntos se queres alcançar a êsse espírito de sacrifício que conduz às dedicações sublimes.

HJALMAR — Não quero nada disso! Jamais, jamais! Meu chapéu! (*Pega o chapéu.*) Meu lar está em ruínas. (*Explode em soluços.*) Gregers, não tenho mais filha!

HEDVIG (*que abriu a porta da cozinha*) — Que é que estás dizendo. (*Corre para êle.*) Papai, papai!

GINA — Bom.

HJALMAR — Não te aproximes de mim, Hedvig! Vai-te! Não te posso ver. Oh! Êsses olhos! Adeus! (*Quer dirigir-se para a porta*).

HEDVIG (*agarra-se a êle gritando*) — Não, não, não! Não te afastes de mim.

HJALMAR — Não posso! Não quero! Preciso ir para longe de tudo isso!

(*Desprende-se das mãos de* HEDVIG *e sai pela porta do saguão*).

HEDVIG (*olha-o, desesperada*) — Êle nos deixou, mamãe! Êle não vai voltar nunca mais!

GINA — Não chores, Hedvig. Papai voltará com certeza.

HEDVIG (*atira-se no sofá, soluçando*) — Não, não, êle não voltará nunca mais.

GREGERS — A senhora pode crer, Sra. Ekdal, que eu quis arranjar tudo do melhor modo possível.

GINA — Pode ser que sim. Mas em todo o caso que Deus lhe perdoe.

HEDVIG — Oh! Eu acho que isso vai me matar. O que é que eu fiz para êle? Mamãe, é preciso que faças com que êle volte.

GINA — Sim, sim, acalma-te! Eu vou buscar o papai. (*Põe o manto e o chapéu.*) Pode ser que êle entrasse no quarto de Relling. Mas não deves chorar assim. Tu me prometes?

HEDVIG (*numa crise de lágrimas*) — Eu não choro mais, contanto que papai volte.

GREGERS (*a* GINA *que quer sair*) — Não é melhor deixá-lo ir até o fim na sua luta dolorosa?

GINA — Ah! pois sim! Êle que pense nisso depois. Antes de mais nada é preciso acalmar a pequena. (*Sai pela porta do patamar*).

HEDVIG (*sentando-se e enxugando as lágrimas*) — Agora é preciso me dizer o que é que há. Por que é que papai não me quer mais?

GREGERS — Não deve perguntar isso enquanto você não fôr grande e razoável.

HEDVIG (*soluçando*) — Mas é que eu não posso ficar com êsse desespêro no coração até que eu fique grande e razoável. Eu já estou vendo o que é. É capaz que eu não seja filha de papai.

GREGERS (*inquieto*) — Mas como seria possível isso?

HEDVIG — Pode ser que mamãe me tenha achado e que papai tivesse sabido ainda há pouco. Eu lí essas cousas nos livros.

GREGERS — Pois bem. E se fôsse êsse o caso?

HEDVIG — Parece-me que assim mesmo êle podia me querer do mesmo modo e até mesmo mais. O pato selvagem também nós recebemos êle de presente e apesar disso eu gosto tanto dêle.

GREGERS (*aproveitando o elo*) — É isso, Hedvig, o pato, falemos dêle.

HEDVIG — Pobre pato! Papai também não quer ver mais êle. Imagine só: êle falou em torcer o pescoço dêle.

GREGERS — Qual o quê! Êle não fará tal cousa.

HEDVIG — Não, mas êle falou nisso. Que cousa feia papai ter dito aquilo. O senhor não sabe? Eu rezo tôdas as noites pelo pato, pra que êle não morra, nem lhe aconteça nada de ruim.

GREGERS (*olhando-a*) — Você costuma rezar à noite?

HEDVIG — Costumo, sim.

GREGERS — Quem lhe ensinou isso?

HEDVIG — Ninguém. Papai esteve tão doente uma vez... Puseram sanguessugas no pescoço dêle. Êle então disse que a morte estava na porta.

GREGERS — E então?

HEDVIG — Então, eu rezei para êle quando fui me deitar, e desde aí eu continuei a rezar.

GREGERS — E agora, você também reza pelo pato selvagem?

HEDVIG — Eu pensei que êle também precisava: estava tão doente quando chegou...

GREGERS — E de manhã você também reza?

HEDVIG — Não, de manhã, não.

GREGERS — Por que?

HEDVIG — De manhã está claro, não tem por que a gente ter mêdo.

GREGERS — E êsse pato de quem você gosta tanto, seu pai quis torcer-lhe o pescoço?

HEDVIG — Não. Êle disse que devia fazer. Mas êle não faz por minha causa. Isso sim, que é uma cousa bonita do papai.

GREGERS (*aproximando-se de* HEDVIG) — E se você lhe sacrificasse o pato selvagem por sua livre vontade?

HEDVIG (*erguendo-se*) — O pato selvagem?

GREGERS — Se, por sua livre e espontânea vontade, você lhe sacrificasse o que tem de mais precioso no mundo?

HEDVIG — E o senhor acha que isso serviria para alguma cousa?

GREGERS — Experimente, Hedvig.

HEDVIG (*em voz baixa e com os olhos brilhantes*) — Sim, vou experimentar.

GREGERS — Você acha que terá coragem para isso?

HEDVIG — Eu vou pedir a vovô que o mate.

GREGERS — É isso. Mas não diga nenhuma palavra à sua mãe.

HEDVIG — Por que?

GREGERS — Ela não nos compreende.

HEDVIG — O pato selvagem?... Vou experimentar amanhã de manhã.

(GINA *entra pela porta do saguão*).

HEDVIG (*indo ao seu encontro*) — Achaste o papai, mamãe?

Gina — Não, mas parece que êle foi ao quarto de Relling e saíram juntos.

Gregers — Tem certeza?

Gina — Sim, a porteira me disse. Molvik também estava com êles, disse ela.

Gregers — E isso quando a sua alma tinha necessidade de solidão para lutar...

Gina (*tirando o manto*) — Os homens são tão diferentes! Sabe Deus onde Relling terá levado Ekdal... Eu corrí até a casa da Sra. Eriksen: êles não estavam lá.

Hedvig (*engolindo as lágrimas*) — Oh! meu Deus, e se êle não voltar?

Gregers — Êle voltará, pode ficar certa disso. Eu irei procurá-lo amanhã. Você verá como êle vai voltar. E agora, Hedvig, durma em paz. Boa noite. (*Sai pela porta do saguão*).

Hedvig (*saltando em soluços ao pescoço da mãe*) — Mamãe! mamãe!

Gina (*com um suspiro, dando-lhe uns tapinhas no ombro*) — Meu Deus, meu Deus! Bem razão tinha Relling. Aí está o que acontece quando há loucos que vêm apresentar essas malditas cobranças.

Pano

QUINTO ATO

O atelier de HJALMAR, *pela manhã. Um dia pardacento e frio. Placas de neve sôbre o telhado de vidro.*

GINA, *com um avental, entra pela porta da cozinha, segurando um pano e um espanador. No mesmo instante* HEDVIG *entra precipitadamente pela porta do saguão.*

GINA (*parando bruscamente*) — E então?

HEDVIG — Mamãe! Eu creio que êle está no quarto de Relling.

GINA — Pois aí está, já vês.

HEDVIG — Porque a porteira disse assim: que tinha dois com Relling, quando êle voltou esta noite.

GINA — É bem como eu pensava.

HEDVIG — Mas isto não adianta, porque êle não quer subir até aquí.

GINA — Pois então eu vou descer para falar com êle.

(*O velho* EKDAL, *vem do quarto vestido com um robe-de-chambre, de chinelos, e fumando o cachimbo*).

EKDAL — Escuta aquí, Hjalmar. — Hjalmar não está aí?

GINA — Não, com certeza saiu.

EKDAL — Tão cedo assim? E com uma tormenta destas? Enfim, não te incomodes: eu posso dar a minha voltinha sozinho.

(*Dirige-se para o sótão: Com o auxílio de* HEDVIG *afasta os batentes da porta e entra.* HEDVIG *fecha a porta depois de êle entrar*).

HEDVIG (*a meia voz*) — Mamãe, que achas, quando o pobre do vovô souber que papai quer nos deixar?...

GINA — Teu avô não deve saber disso. Foi uma sorte que êle ontem não estivesse aquí durante aquela barafunda.

HEDVIG — Sim, mas...

(GREGERS *entra pela porta do saguão*).

GREGERS — E então? Já estão na pista dêle?

GINA — Parece que êle está no quarto de Relling, segundo disseram.

GREGERS — No quarto de Relling! Então é verdade! Êle teria saído com essa gente!

GINA — Parece que sim.

GREGERS — Êle que tanto necessitaria de solidão, que se deveria recolher em silêncio...

GINA — Isso é verdade.

(RELLING *entra pela porta do saguão*).

HEDVIG (*correndo para êle*) — Papai está em sua casa?

GINA (*ao mesmo tempo*) — Êle está em sua casa?

RELLING — Claro que sim: êle está lá em casa.

HEDVIG — E o senhor, não nos dizia nada!

RELLING — Sim, eu sou ruim. Mas, em primeiro lugar, tive de me ocupar de outra pessoa ruim. O demoníaco, já se vê. E depois disso eu dormi tão profundamente que...

GINA — Que disse Ekdal agora de manhã?

RELLING — Não disse nada.

HEDVIG — Êle não fala?

RELLING — Nem uma palavra.

GREGERS — Não? Não compreendo isso.

GINA — Mas então o que é que êle faz?

RELLING — Ronca, deitado no sofá.

GINA — Deveras? É verdade, Ekdal ronca forte.

HEDVIG — Êle dorme? Êle pode dormir!

RELLING — Pelo menos parece...

GREGERS — Isso se compreende. Depois da luta que teve de sustentar a alma dêle...

GINA — Além de que êle não está habituado a passar a noite fora.

HEDVIG — Talvez que seja bom, mamãe, êle poder dormir.

GINA — Eu creio que sim. Mas nesse caso não vale a pena acordá-lo muito cedo. Eu lhe agradeço, Relling. Agora eu vou arrumar um pouco o quarto para que isso aquí fique com melhor cara. Depois disso tudo... Hedvig, vem me ajudar. (*As duas entram no salão*).

GREGERS (*virando-se para* RELLING) — Pode explicar-me o trabalho que se está realizando neste momento na alma de Ekdal?

RELLING — Palavra que não notei que a alma dêle estivesse trabalhando.

GREGERS — Como? Num momento de crise em que tôda a vida dêle se reconstrói sôbre novas bases?... Como pode crer que um caráter como Hjalmar?...

RELLING — Êle, um caráter?... Se jamais êle teve em germe uma dessas deformações a que vocês chamam um caráter, ficou radicalmente curado dela desde a infância.

Gregers — Seria de admirar... Educado como êle foi, cercado de tanta afeição...

Relling — Está se referindo às duas tias dêle, aquelas solteironas amalucadas e histéricas?

Gregers — Essas duas mulheres, posso declarar-lhe, nunca deixaram murchar os direitos do Ideal. Vamos, já vejo que quer continuar a pilheriar.

Relling — Não, não estou com disposição para isso. De resto estou bem informado: êle disse bastante sôbre êsses dois "assassinos de sua alma". Aliás, não creio que êle lhes deva grandes obrigações. A desgraça de Ekdal foi ter passado sempre por um fênix aos olhos dos que o cercam.

Gregers — E êle não o é? Refiro-me ao que êle guarda no fundo da alma.

Relling — Eu nunca o notei. Que o pai dêle tivesse acreditado nisso, não me admira. O velho tenente foi sempre um idiota durante tôda a vida.

Gregers — Teve uma alma de criança durante tôda a vida, é o que você não percebe.

Relling — Está bem, está bem! Mas depois disso, quando o pequeno Hjalmar se tornou estudante, os colegas dêle, também, apressaram-se em ver nele uma das luzes do futuro. Êle era bonito... a cousa ia... branco e rosa... tal como as jovens senhoritas gostam de ver os rapazinhos. E como êle tinha o gênio sensível, sedução na voz, como êle sabia declamar agradavelmente os versos dos outros, e os pensamentos dos outros...

Gregers (*exaltando-se*) — É de Hjalmar Ekdal que está falando assim?

Relling — Com sua licença, sim. É só para lhe mostrar o íntimo dêsse ídolo, ante o qual você se prosterna com a cara no pó.

Gregers — Entretanto, eu não me julgava completamente cego.

Relling — Pois não está longe disso. Vou dizer-lhe: você é um doente, você também.

Gregers — Quanto a isso, tem razão.

Relling — Oh! Se tenho. Seu caso é muito complicado. Para começar, essa febre malígna de equidade. E depois, o que ainda é pior, êsse delírio de adoração que o faz vagar continuamente, com uma necessidade insatisfeita de admirar sempre algum objeto fora de você mesmo.

Gregers — Pois claro, porque não é em mim que eu o acharei.

Relling — Sim, mas você tem enganos lamentáveis, graças a essas moscas maravilhosas que lhe passam diante dos olhos e lhe zumbem aos ouvidos!... Aquí está você outra vez em casa desta gente a quem você reclama *os direitos do ideal.* Pois fique sabendo que, nesta casa, não existe ninguém em condições de pagá-los.

Gregers — Mas se você não forma melhor conceito de Hjalmar Ekdal, por que motivo acha prazer em frequentar-lhe a casa da manhã à noite?

Relling — Ora, meu Deus! Tenho vergonha de dizê-lo, mas, segundo parece, sou médico. Tenho pois a obrigação de me ocupar dos pobres doentes que moram sob o mesmo teto que eu.

Gregers — Como? Como? Então Hjalmar Ekdal é também um doente?

Relling — Ai de nós! Todo homem é um doente.

Gregers — E qual é o tratamento que aplica em Hjalmar?

Relling — O meu tratamento habitual: procuro manter nele a mentira vital.

Gregers — A mentira vital? Com certeza não ouví bem.

Relling — Ouviu. Eu disse: a mentira vital. Essa mentira, fique sabendo, é o princípio estimulante.

Gregers — Poderei perguntar-lhe qual é particularmente, a mentira vital de que Hjalmar está possuído?

Relling — Ah! não! Não revelo êsses segredos aos charlatães. Você seria capaz de estragar o meu paciente mais do que êle já está. Mas o método já está comprovado. Olhe, eu o apliquei em Molvik. Graças a mim êle hoje é "demoníaco". Foi um sedenho que tive de atravessar no pescoço do coitado.

Gregers — Então êle não é demoníaco?

Relling — Que diabo quer você que signifique isso: "um demoníaco?" É uma pilhéria que eu inventei para manter-lhe a vida. Do contrário, há muitos anos que o meu infeliz amigo estaria entregue ao desespêro e se desprezaria a si mesmo. E o velho tenente, então? Ah! êsse achou o tratamento, por si mesmo.

Gregers — O tenente Ekdal? Como assim?.

Relling — Sim. Que me diz você dêsse matador de ursos que vai caçar coelhos num sótão? Não há caçador mais feliz do que êsse pobre diabo, quando tropeça na mixórdia que há aquí. Árvores de natal sêcas, que êle guarda cuidadosamente, representando, exatamente, para êle, a grande floresta de Heydal em todo o seu fresco esplendor! Os galos e as galinhas são as grandes aves pousadas no cimo dos pinheiros. Os coelhos que atravessam o salão saltando, são os ursos contra os quais êle se atira, êle, o ancião desempenado, o homem do ar livre...

GREGERS — Pobre velho! Teve de desbastar o que servia de ideal para a sua mocidade.

RELLING — Ouça, senhor Werle filho, por favor não empregue êsse termo elevado de *ideal,* quando para isso temos na linguagem usual a excelente expressão: *mentira.*

GREGERS — Acredita então que haja algum parentesco entre êsses dois têrmos?

RELLING — Pouco mais ou menos o mesmo que há entre os de tifo e febre pútrida.

GREGERS — Doutor Relling! Não descansarei enquanto não arrancar Hjalmar das suas garras.

RELLING — Nesse caso, será tanto pior para êle. Se você tirar a mentira vital de um homem comum, tira-lhe ao mesmo tempo a felicidade. (*A* HEDVIG *que volta do salão.*) Vamos! mãezinha do pato, vou ver se o seu papai ainda está deitado no sofá refletindo na sua famosa invenção. (*Sai pela porta do saguão*).

GREGERS (*aproximando-se de* HEDVIG) — Estou vendo pela sua cara que ainda não há nada feito.

HEDVIG — O senhor está falando do pato selvagem? Não.

GREGERS — Você perdeu a coragem, estou vendo, no momento de executar o ato.

HEDVIG — Não, não foi isso. Mas quando eu me acordei hoje de manhã e pensei em tudo o que nós dissemos, eu achei que era tudo tão extraordinário!

GREGERS — Extraordinário, acha?

HEDVIG — Sim... não sei... Ontem de tarde, naquela hora, eu achava que ia ser delicioso. Mas depois que dormí e que me lembrei, já não era a mesma cousa.

GREGERS — Ah! não é impunemente que você foi educada sob êste teto.

HEDVIG — Pouco se me dá. Tudo o que eu queria era que papai voltasse.

GREGERS — Oh! Se você tivesse olhos para ver o que dá valor à vida, se você tivesse uma coragem firme e alegre, o verdadeiro espírito de sacrifício, você havia de ver como êle voltaria para junto de você! Mas eu creio em você, Hedvig, ainda creio. (*Sai pela porta do saguão*).

(HEDVIG, *depois de ter dado umas voltas pelo quarto, dispõe-se a ir à cozinha. No mesmo instante batem na porta do* *sótão.* HEDVIG *entreabre-a, o velho* EKDAL *entra. Ela fecha a porta).*

EKDAL — Hum, não é divertido, Hedvig, dar sozinho o passeio da manhã.

HEDVIG — Tu não gostarias, vovô, de ir à caça?

EKDAL — O tempo não está para caçadas. Está muito escuro. Não se enxerga a dois passos.

HEDVIG — Nunca tiveste vontade de atirar noutra cousa que não fôsse nesses coelhos?

EKDAL — Então os coelhos não valem mais nada?

HEDVIG — E o pato selvagem, hein?

EKDAL — Ha, ha! Estás com mêdo que eu mate o teu pato. Isso nunca, ouviste?... nunca!

HEDVIG — Não, tu não poderias. Dizem que é muito difícil matar um pato selvagem.

EKDAL — Não poderia? Parece-me que sim, que eu poderia.

HEDVIG — Como é que tu farias, vovô? Não se trata do meu pato, mas de um outro qualquer.

EKDAL — Eu trataria de meter-lhe um chumbo no peito, compreende? É o que há de mais garantido. E além disso, é preciso atirar contra a corrente, estás vendo? Não a favor da corrente.

HEDVIG — E êles morrem então, vovô?

EKDAL — Santo Deus! Ora se morrem! Sim, se a gente acerta, êles morrem. Vamos, preciso entrar para me vestir. *(Entra no quarto).*

(HEDVIG *olha a porta do salão, aproxima-se do aparador, estica-se nas pontas dos pés, pega a pistola e examina-a.*

GINA *entra vinda do salão, com o pano e o espanador na mão.*

HEDVIG *depõe a pistola numa prateleira, depressa, e sem se deixar surpreender).*

GINA — Não deves remexer nas cousas do teu pai, Hedvig.

HEDVIG *(afastando-se do aparador)* — Eu só queria espanar um pouco.

GINA — É melhor que vás à cozinha ver se o café está quente. Eu vou buscar a bandeja pra descer onde êle está.

(HEDVIG *sai,* GINA *põe-se a arrumar e a varrer. Um momento de silêncio. Abrem a porta do saguão, com hesitação.* HJALMAR EKDAL *lança um olhar na sala. Está de sobretudo, sem chapéu, nem lavado, nem penteado, com os cabelos revoltos, os olhos cansados e abatidos).*

GINA *(com a vassoura na mão pára e olha-o)* — Como? És tu, Ekdal! Então sempre te resolveste a voltar?

HJALMAR (*em voz surda, adiantando-se*) — Volto, para desaparecer imediatamente.

GINA — Sim, sim, sei perfeitamente. Mas em que estado estás, Deus meu!

HJALMAR — Como assim?

GINA — E o teu sobretudo de inverno!... Ah! Êste já não dá para mais nada.

HEDVIG (*aparecendo na porta da cozinha*) — Mamãe, é preciso?... (*Vê* HJALMAR, *dá um grito de alegria, e corre para êle.*) Papai, papai!

HJALMAR (*esquivando-se e fazendo um gesto de defesa*) — Vai-te, vai-te! (*A* GINA.) — Faze o favor de afastá-la.

GINA (*a meia voz*) — Vai para o salão, Hedvig.

(HEDVIG *afasta-se em silêncio*).

HJALMAR (*abrindo precipitadamente a gaveta da mesa*) — Quero levar os meus livros. Onde estão êles?

GINA — Que livros?

HJALMAR — Meus livros de ciência, naturalmente, minhas publicações tecnológicas, as de que me sirvo para a descoberta.

GINA (*procurando sôbre o aparador*) — É talvez isto tudo que não está encadernado.

HJALMAR — Pois é.

GINA (*pondo um maço de brochuras em cima da mesa*) — Queres que eu diga a Hedvig para cortar as fôlhas?

HJALMAR — Não preciso que ninguém me corte as fôlhas. (*Um pequeno silêncio*).

GINA — Então continuas decidido a nos deixar, Ekdal?

HJALMAR (*procurando entre os livros*) — Não estás vendo?

GINA — Sim. Sim.

HJALMAR (*explodindo*) — Não posso ficar aquí com o coração trespassado a tôda hora do dia.

GINA — Que Deus te perdoe o mal que pensas de mim.

HJALMAR — Provas!...

GINA — Me parece que tu é que devias dar provas.

HJALMAR — Com um passado como o teu? Há certos direitos, que eu ousaria chamar os direitos do ideal...

GINA — E o avô? Que queres que seja feito dêle, do pobre velho?

HJALMAR — Conheço o meu dever. O ancião virá comigo. Vou à cidade arranjar a minha situação. (*Com hesitação.*) Ninguém achou o meu chapéu na escada?

GINA — Não. Perdeste o chapéu?

HJALMAR — Tenho certeza de que eu o tinha quando entrei esta noite. Mas esta manhã não o pude achar.

Gina — Santo Deus! Onde estiveste com êsses dois libertinos?

Hjalmar — Ah! não me faças perguntas. Julgas que eu estou num estado de espírito que permita lembrar-me de todos os detalhes?

Gina — Contanto que não te tenhas resfriado, Ekdal. (*Entra na cozinha*).

Hjalmar (*ao mesmo tempo que esvazia a gaveta, murmura com raiva*) — És um patife, Relling! Um tratante! Miserável sedutor! — Por Deus, se tivesse tido alguém para te apunhalar!

(*Separa algumas cartas velhas, dá com o papel que rasgou na véspera. Examina os dois pedaços, que larga com vivacidade ao ver entrar* Gina).

Gina (*trazendo o café numa bandeja, que põe em cima da mesa*) — Aquí está um pouco de café quente, se quiseres. E também uma torrada e um pouco de arenque defumado.

Hjalmar (*olhando furtivamente a bandeja*) — Um pouco de arenque defumado? Sob êste teto? Nunca mais! Há quase vinte e quatro horas não ponho nada de sólido na bôca. Não importa! — Minhas notas! As memórias da minha vida que eu tinha começado! Vejamos! Onde botei o meu diário e o que há de mais importante nos meus papéis? (*Abre a porta do salão e recua.*) Ah! Ainda está alí!

Gina — Meu Deus! A coitada da criança tem de estar em algum lugar.

Hjalmar — Vamos sai!

(*Afasta-se para deixá-la passar.* Hedvig, *assustada, entra no atelier*).

Hjalmar (*com a mão na maçaneta da porta*). (*A* Gina.) — Durante os últimos momentos que vou passar no meu antigo lar, desejo que me poupem a presença de intrusos.

(*Passa para o salão*).

Hedvig (*correndo para a mãe, baixo, com voz trêmula*) — É de mim que êle está falando?

Gina — Fica na cozinha, Hedvig. Ou antes: vai para o teu quarto, na saleta. (*A* Hjalmar *para quem se encaminha.*) Espera um pouco, Ekdal. Não desarruma tudo na cômoda. Eu conheço o lugar de cada cousa.

(Hedvig, *um momento imóvel, ansiosa, espantada, morde os lábios para não chorar*).

Hedvig (*em voz baixa, com os punhos cerrados*) — O pato selvagem!

(*Aproxima-se furtivamente do aparador, pega da pistola,* *desliza para o sótão pela porta que entreabre, e fecha depois de entrar*).

(*Ouvem-se as vozes de* HJALMAR *e de* GINA *a disputar*).

HJALMAR (*entrando com cadernos e velhas fôlhas sôltas na mão, e depondo-as em cima da mesa*) — Essa maleta não me serve. Tenho uma porção de cousas para levar.

GINA (*segue-o, carrengando a mala*) — Podes esperar perfeitamente pelo resto e levar somente uma camisa e uma ceroula.

HJALMAR — Uff... Tôdas essas canseiras da partida! (*Tira o sobretudo e o atira em cima do sofá*).

GINA — E o café que vai esfriar...

HJALMAR — Hum. (*Toma maquinalmente um gole, depois outro*).

GINA (*enxugando o espaldar das cadeiras*) — O mais difícil de achar vai ser um sótão como êsse para os coelhos.

HJALMAR — Como! Pensas que eu vou levar também os coelhos!

GINA — Eu penso que o velho não vai poder passar sem êles.

HJALMAR — Êle terá de se habituar, ora essa! Há sacrifícios maiores do que o de alguns coelhos e, apesar disso, tenho de fazê-los.

GINA (*espanando as prateleiras da estante*) — Queres que eu embrulhe a flauta?

HJALMAR — Não. Nada de flauta. Mas quero a pistola.

GINA — Queres levar a *pestola?*

HJALMAR — Sim, minha pistola carregada.

GINA (*procurando*) — Ela não está aí. Com certeza êle a levou.

HJALMAR — Êle está no sótão?

GINA — Com certeza que êle foi para o sótão.

HJALMAR — Pobre velho solitário!

(*Toma uma fatia de pão, come-a, e engole o resto do café*).

GINA — Se não tivéssemos alugado o quarto, poderias ocupá-lo.

HJALMAR — Eu, morar debaixo do mesmo teto que... — Nunca, ouviste?

GINA — Mas não podias ficar no salão por um dia ou dois? Estarias completamente só.

HJALMAR — Neste apartamento? Por nada dêste mundo!

GINA — Ou então em casa de Relling e de Molvik?

HJALMAR — Não pronuncies o nome dêsses tipos. Só de pensar nisso, sou capaz de perder o apetite. Não! Terei de ir, no meio da neve e da tormenta, de casa em casa, para procurar um abrigo para o meu velho pai e para mim.

GINA — Mas tu estás sem chapéu, Ekdal. Perdeste o chapéu.

HJALMAR — Oh! Essa escória da humanidade! Êsses monstros de vícios! Preciso de um chapéu. (*Pega outra fatia de pão.*) — Tenho de tomar medidas. Porque não tenho a intenção de passar a vida aquí. (*Procura qualquer cousa na bandeja*).

GINA — Que é que estás procurando!

HJALMAR — Manteiga.

GINA — Já te trago. (*Ela vai à cozinha*).

HJALMAR (*chamando-a*) — Oh! é inútil! Posso contentar-me com pão sêco.

GINA (*trazendo uma manteigueira*) — Aquí tens: parece que é bem fresca.

(*Ela o serve de outra chícara de café. Êle põe manteiga no pão, vai sentar-se no sofá, come e bebe durante alguns instantes*).

HJALMAR — Poderei, sem ser importunado por ninguém, por ninguém, estás ouvindo, ficar no salão um dia ou dois?

GINA — Poderias muito bem, se quisesses.

HJALMAR — É que eu não vejo como poderei fazer tôda mudança de meu pai em tão pouco tempo.

GINA — E além disso há ainda uma cousa: em primeiro lugar deverias prevení-lo de que não queres mais viver conosco.

HJALMAR (*afastando a chícara*) — Sim, também isso. Terei de remexer tôda essa embrulhada mais uma vez. Tenho de ver isso. Preciso de tempo para mover-me. Não posso fazer tudo num dia só.

GINA — Não, e ainda mais com um tempo tão feio...

HJALMAR — Êsse papel não me interessa.

GINA — Mas podes ter a certeza de que não pretendo me utilizar dêle.

HJALMAR — Não é motivo para deixá-lo perder-se, o que bem poderia se dar no reboliço da mudança.

GINA — Vou guardá-lo num lugar seguro, Ekdal.

HJALMAR — Essa doação concerne em primeiro lugar a meu pai. É negócio dêle, se quiser usá-lo.

GINA (*com um suspiro*) — Ah! sim! o pobre velho.

HJALMAR — Para maior segurança... Onde posso encontrar um pouco de cola?

GINA (*aproximando-se do aparador*) — Toma, aquí tens o pote da cola.

HJALMAR — E um pincel?

GINA — Aquí está o pincel. (*Entrega-lhe um e outro*).

HJALMAR (*pegando uma tesoura*) — Uma tirinha de papel nas costas da fôlha... — (*Corta a tira e cola.*) — Não me passaria pela cabeça, apossar-me dos bens de outro, sobretudo dos de um pobre velho sem recursos. Nem do da outra, meu Deus! Toma: deixa secar isso durante algum tempo. E quando estiver sêco, leva êsse papel. Não o quero ver nunca mais, nunca mais!

(GREGERS *entra pela porta do patamar*).

GREGERS (*um pouco admirado*) — Como, Hjalmar, estás aí?

HJALMAR (*levantando-se precipitadamente*) — Estava morto de cansaço.

GREGERS — Não obstante, vejo que comeste.

HJALMAR — A natureza também, às vezes, reclama os seus direitos.

GREGERS — Que resolveste?

HJALMAR — Para um homem como eu, não há senão um caminho a tomar. Estou reunindo o que tenho de mais precioso. Mas como deves imaginar, isso requer tempo.

GINA (*com alguma impaciência*) — Queres que te prepare o quarto, ou que te arrume a mala?

HJALMAR (*depois de relancear um olhar de esguelha a* GREGERS) — Arruma a mala e prepara o quarto.

GINA (*pegando a mala*) — Bem, bem! Vou pôr na mala a camisa e o resto.

(*Entra no salão e fecha a porta atrás de si. Um momento de silêncio*).

GREGERS — Nunca pensei que isso acabasse assim. Será realmente necessário que abandones a tua casa, o teu lar?

HJALMAR (*caminhando, agitado*) — Que queres tu que eu faça? Não fui feito para ser infeliz. Preciso ter em roda de mim calma, bem-estar e serenidade.

GREGERS — Podes ter tudo isso. Experimenta. Parece-me que agora tens um terreno sólido sôbre o qual podes edificar. Põe mãos à obra e lembra-te também da tua descoberta, que é uma finalidade para a tua existência.

HJALMAR — Ah! Não me fales nessa descoberta. Ela se fará talvez esperar.

GREGERS — Como?

HJALMAR — Ora, meu Deus! Afinal o que é que queres que eu descubra? Não há quase mais nada que já não tenha sido descoberto antes de mim. Isso vai se tornando cada vez mais difícil...

GREGERS — Mas quanto trabalho já te custou!

Hjalmar — Foi êsse libertino de Relling que me deu essa idéia.

Gregers — Relling?

Hjalmar — Pois sim. Foi êle quem primeiro me fez compreender que eu tinha bastante talento para fazer uma grande descoberta no terreno da fotografia.

Gregers — Ah! foi Relling?

Hjalmar — Oh! quanta alegria isso me deu! Não tanto pela própria invenção, mas pela fé que ela inspirava a Hedvig. Ela acreditava na descoberta com tôdas as fôrças, com tôda a energia da sua alma de criança. Isso é: imaginei que ela acreditava, imbecil que eu era.

Gregers — Podes crer, seriamente, na falsidade de Hedvig para contigo?

Hjalmar — Que importa o que eu creia agora! É Hedvig quem se atravessa no meu caminho. É ela quem obscurecerá tôda a minha existência.

Gregers — Hedvig! Tu te referes a Hedvig? Como poderia ela obscurecer a tua existência?

Hjalmar (*sem responder*) — Quanto amor eu sentí por essa criança! Quanta alegria, cada vez que ao entrar na minha pobre casa, ela vinha correndo para mim com o piscar dos seus lindos olhos! Ah! Louco confiante que eu era! Amei-a tanto!... E, para mim, era um sonho poético a idéia do amor que ela tinha por mim... Seu amor, como eu o imaginava.

Gregers — Chamas isso de imaginação?

Hjalmar — Como o poderei saber? Nada posso arrancar de Gina. E além disso, ela não compreende o lado ideal do que se está passando. Mas, diante de ti, Gregers, sinto a necessidade de abrir o meu coração. É esta dúvida atroz, estás vendo? Talvez que Hedvig nunca tenha tido por mim uma afeição verdadeira.

Gregers — Ela talvez te possa provar essa afeição. (*Escuta*:) Que há? Parece-me ouvir o pato selvagem gritar.

Hjalmar — Sim, êle está grasnando. O pai deve estar no sótão.

Gregers — Ah! êle está no sótão? (*O seu rosto exprime alegria.*) Eu te digo que é bem possível que venhas a ter a prova do amor de Hedvig, dessa pobre Hedvig de quem suspeitas.

Hjalmar — Oh! E que prova poderia ela me dar? Não posso crer em protestos de amor que me venham dêsse lado.

Gregers — Seguramente Hedvig não conhece a fraude.

Hjalmar — Ah! Gregers! É justamente disso que não tenho certeza. Quem sabe o que Gina e essa Sra. Soerby puderam tramar aquí, tantas vêzes? E Hedvig não tem por hábito tapar os ouvidos. É capaz que essa doação, afinal de contas, não tenha sido uma surpresa total.

GREGERS — Que mau espírito te domina hoje, Hjalmar!

HJALMAR — Meus olhos se abriram. Presta atenção: verás que essa doação não é mais do que um primeiro passo. A Senhora Soerby sempre teve um fraco por Hedvig. Ela agora tem o poder de fazer tudo o que lhe agrade pela criança. Podem tirar-ma, desde que o queiram.

GREGERS — Hedvig nunca te deixará.

HJALMAR — Não te fies muito nisso. Se êles lhe fizerem um sinal, com as mãos cheias?... E eu que tanto a quis!... Eu, cuja felicidade tôda teria sido de pegá-la suavemente pela mão e de a conduzir como se conduz, num grande quarto vazio, uma criança que tem mêdo das trevas! Tenho agora a dolorosa certeza de que o pobre fotógrafo alojado nas águas-furtadas nunca foi nada para ela. Não houve aí nada mais que um ardil para viver em boas condições com êle até um momento dado.

GREGERS — Tu mesmo, Hjalmar, não crês no que estás dizendo.

HJALMAR — O horrível é justamente isso: eu não sei o que devo pensar, jamais o saberei. Mas tu crês que é impossível que assim seja? Meu bom Gregers, tu te fias demasiado, parece-me, na fôrça do ideal. Que os outros venham, que cheguem com as mãos cheias, que lhe gritem: "Vem conosco, a vida aquí está à tua espera!..." e verás!

GREGERS (*com vivacidade*) — Vamos! Então tu crês?

HJALMAR — Se eu lhe pedisse: "Hedvig, queres dar a tua vida por mim?" (*Ri sarcasticamente.*) Ah! Pois sim! Verias o que ela me responderia.

(*Ouve-se um tiro no sótão*).

GREGERS (*com uma explosão de alegria*) — Hjalmar!

HJALMAR — Bom! aí está o outro caçando agora.

GINA (*entrando*) — Ekdal, creio que o velho está outra vez sozinho no sótão a dar tiros de espingarda.

HJALMAR — Vou ver.

GREGERS (*impressionado, alegre*) — Espera um pouco. Sabes o que é?

HJALMAR — Naturalmente que sei.

GREGERS — Não, tu não sabes. Eu, porém, sei! É a prova!

HJALMAR — Que prova?

GREGERS — Um sacrifício de criança: ela convenceu a teu pai que matasse o pato selvagem.

HJALMAR — Que matasse o pato selvagem?

Gina — Imagina só.

Hjalmar — Para que?

Gregers — Ela quis sacrificar-te o que tinha de mais precioso. Pensa por êsse modo obrigar-te a que lhe restituas o teu amor.

Hjalmar (*molemente, com voz comovida*) — Oh! Esta pequena!

Gina — O que ela foi imaginar!

Gregers — Ela quis reconquistar o teu amor, Hjalmar. Aí está. Ela achava que não podia viver sem êle.

Gina (*contendo as lágrimas*) — Estás vendo, Ekdal?

Hjalmar — Gina, onde está ela?

Gina (*chorando*) — Coitadinha, com certeza está na cozinha.

Hjalmar (*vai até a porta da cozinha, abre-a e chama*) — Hedvig, vem cá! Vem para perto de mim! (*Olha.*) Não, ela não está aí.

Gina — Então está na saleta.

Hjalmar (*da cozinha*) — Não, também não está alí. (*Entra.*) Terá saído?

Gina — Meu Deus! pode ser, tu não querias que ela ficasse em casa.

Hjalmar — Oh! se ela pudesse voltar o quanto antes, para eu lhe dizer... Agora, tudo irá bem, Gregers, agora sinto que uma vida nova poderá começar para nós.

Gregers (*com calma*) — Eu sabia. Era pela criança que devia vir a redenção.

(*O velho* Ekdal *aparece na porta do quarto dêle. Está em grande uniforme e tem dificuldade em prender o sabre*).

Hjalmar (*estupefato*) — Pai, tu estavas aí?

Gina — Foi no seu quarto que o senhor deu o tiro, avô?

Ekdal (*colérico, aproximando-se de* Hjalmar) — Como! Tu vais caçar sozinho, Hjalmar?

Hjalmar (*comovido, transtornado*) — Não fôste então tu que atiraste no sótão?

Ekdal — Eu? Eu não!

Gregers (*a* Hjalmar, *soltando uma exclamação*) — Hjalmar! Ela mesma matou o pato selvagem!

Hjalmar — Que significa isso? (*Corre à porta do sótão, afasta violentamente os batentes, olha e chama bem alto*) — Hedvig!

Gina (*correndo para a porta*) — Meu Deus, que terá acontecido!

Hjalmar (*entrando*) — Ela está estendida no chão!

Gregers — Estendida no chão!

(*Reúne-se a* HJALMAR).

GINA (*ao mesmo tempo que êle*) — Hedvig! (*Precipita-se no sótão*). Ah! Meu Deus!

EKDAL — Ha! ha! Ela se mete a atirar, ela também? (HJALMAR, GINA *e* GREGERS, *entram carregando Hedvig. O braço direito dela pende. Segura a pistola na mão contraída*).

HJALMAR (*transtornado*) — A arma detonou. Ela se feriu a si mesma. Peçam socorro! Socorro!

GINA (*precipitando-se no patamar e chamando*) — Relling, Relling! Doutor Relling! Corra depressa, bem depressa!

(HJALMAR *e* GREGERS *colocam* HEDVIG *no sofá*).

EKDAL (*em voz baixa*) — A floresta se vinga.

HJALMAR (*de joelhos diante dela*) — Ela vai voltar a si daquí a pouco. Está voltando a si. Sim, sim, sim.

GINA (*que voltou*) — Onde é que ela está ferida? Não vejo nada.

(RELLING *entra precipitadamente. Um momento depois chega* MOLVIK, *sem colête, nem gravata, de casaco desabotoado*).

RELLING — Que foi que houve?

GINA — Êles estão dizendo que Hedvig se matou.

HJALMAR — Socorro!

RELLING — Ela se matou? (*Afasta a mesa e examina o corpo*).

HJALMAR (*deitado no chão, olhando ansiosamente para* RELLING) — Não é perigoso, não é, Relling? Quase que não há sangue. Isso não pode ser perigoso!

RELLING — Como foi que aconteceu?

HJALMAR — Ah! não sei nada.

GINA — Ela quis matar o pato selvagem.

HJALMAR — A arma terá disparado.

RELLING — Sim, sim. Deve ter sido isso.

EKDAL — A floresta se vinga. Mas mesmo assim não tenho mêdo. (*Entra no sótão e fecha a porta atrás de si*).

HJALMAR — Vejamos, Relling. Tu não dizes nada?

RELLING — A bala penetrou no peito.

HJALMAR — Sim, mas ela voltará a si!

RELLING — Não estás vendo que Hedvig deixou de existir?

GINA (*explodindo em pranto*) — Minha filha, minha filha!

GREGERS (*com voz engasgada*) — No fundo do mares...

HJALMAR (*saltando*) — Mas é preciso que ela viva! Em nome de Deus, Relling, só um instante, — o tempo de lhe dizer que eu nunca deixei de adorá-la.

RELLING — O coração foi atingido. Hemorragia interna. Morte instantânea.

HJALMAR — E eu que a expulsei como a um animal! Amedrontada, ela se refugiou alí no sótão, e se matou por amor de mim. (*Soluçando*). Não poder nunca reparar isso! Não poder nunca dizer-lhe...! (*Estorce as mãos e grita erguendo a cabeça*) Ó tu que estás lá em cima! — Se realmente existes! como pudeste fazer isso?

GINA — Não diz êsses horrores. Parece que nós não tínhamos o direito de ficar com ela.

MOLVIK — A criança não está morta. Ela está só adormecida.

RELLING — Imbecil!

HJALMAR (*mais calmo e cruzando os braços, olha para a* HEDVIG) — Aí está ela, rígida e calma.

RELLING (*procurando desprender a pistola*) — Ela a segura com tanta fôrça, tanta fôrça!

GINA — Não, Relling, não quebre os dedos dela. Deixe a *pestola* sossegada.

HJALMAR— Que ela a leve consigo.

GINA — Sim, deixe a pistola com ela. Mas a criança não pode ficar aí, em exposição. É preciso que ela vá para o quarto dela, na saleta. Vem, Ekdal, vamos levá-la. (HJALMAR *e* GINA *carregam o corpo de* HEDVIG).

HJALMAR (*ao levá-la*) — Oh! Gina, Gina! Poderás suportar isso?

GINA — Nós nos ajudaremos um ao outro. Agora, eu creio que ela é dos dois.

MOLVIK (*murmura estendendo as mãos*) — Glória ao senhor... Reverterás em pó... reverterás em pó...

RELLING (*baixo*) — Cala-te de uma vez animal. Estás bêbedo.

(HJALMAR *e* GINA *levam o corpo pela porta da cozinha.* MOLVIK *eclipsa-se pela porta do saguão*).

RELLING (*aproximando-se de* GREGERS) — Eu não acredito no tal acidente.

GREGERS (*que permanece consternado, com os ombros convulsivamente sacudidos*) — Ninguém pode saber como aconteceu essa cousa horrível.

RELLING — O tiro queimou a blusa. Ela, com certeza, atirou, apoiando o cano contra o peito.

GREGERS — Hedvig não morreu em vão. Viu como a dôr libertou o que há de sublime nele?

RELLING — Quase tôda a gente se mostra sublime ao chorar diante de um morto. Mas quanto tempo julga você que durará êsse esplendor?

GREGERS — Como? Êle não o conservará tôda a vida? Não o aumentará dia a dia?

RELLING — Dentro de alguns meses a pequena Hedvig não será para êle mais do que um belo motivo para declamação.

GREGERS — Como pode dizer isso de Hjalmar Ekdal?

RELLING — Tornaremos a tocar neste assunto quando tiver secado a primeira relva sôbre o túmulo da menina. Aí então você o ouvirá lamentar-se sôbre "a criança roubada prematuramente ao seu coração de pai", você o verá mergulhado no enternecimento, na admiração e na piedade por êle mesmo. Preste bem atenção.

GREGERS — Se você tem razão e se estou errado, a vida então não vale a pena ser vivida.

RELLING — Vale sim! A vida teria muita cousa boa, apesar de tudo, se não fôssem êsses credores que vêm bater à porta de pobres gentes como nós, para lhes apresentarem as suas reclamações de ideal.

GREGERS (*com olhar fixo*) — Nesse caso estou satisfeito com a resolução que tomei.

RELLING — Não há indiscrição em perguntar-lhe o que é que resolveu?

GREGERS (*prestes a partir*) — Resolví ser o décimo-terceiro à mesa.

RELLING — Ora! Vá cantar noutra freguesia!

FIM